

REVISTA DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

CONGREGAVIT NOS IN UNUM CHRISTI AMOR

Oração preparatória ao XXXVII Congresso Eucarístico Internacional <i>Composta por S.S. o Papa João XXIII</i>	321
Alguns princípios fundamentais da formação sacerdotal <i>Discurso póstumo de S.S. o Papa Pio XII</i>	322
O Catequizando: Criança e Adolescente <i>Dom João da Costa Rezende, Arceb. Coadj.</i>	331
Administração das Casas Religiosas — Depósitos bancários a aplicação de capital <i>Pe. Irineu Leopoldino de Souza S.D.B.</i>	339
Expressões e impressões <i>Pe. Marcos de Lima S.D.B.</i>	353
Casos práticos sobre o direito das Religiosas — II — A presidência do Capítulo Geral das Congregações de Direito Diocesano <i>Pe. Frei Rafael de União dos Palmares OFM Cap.</i>	357
Bemav. Helena Guerra, Apóstola do Espírito Santo <i>Por uma Oblata do Espírito Santo</i>	361
Vigários Paroquiais em paróquia confiada a Religiosos <i>Consultório Jurídico Canônico da CRB</i>	367
Entrevista com uma Religiosa <i>Departamento de Serviço e Assistência Social</i>	369
Pequeno Congresso Latino Americano de Religiosos <i>Pe. Aristónico Urse C.M.F.</i>	370
Crônica dos Religiosos <i>Relatório do Ensino Religioso em 1958, em Belo Horizonte</i>	377
<i>Atividades do Departamento de Catecismo de Minas Gerais</i>	379
<i>2.ª Semana Catequética em Porto Alegre</i>	380
<i>O Secretariado Missionário do O.C.I.C. em Roma</i>	381
Novas Fundações	382
Bibliografia	382

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Propriedade da Conferência dos Religiosos do Brasil
Av. Rio Branco, 131 - 9.º andar — Rio de Janeiro — Brasil
Diretor Responsável: Pe. Irineu Leopoldino de Souza S. D. B.

ORAÇÃO PREPARATÓRIA AO XXXVII CONGRESSO EUCARÍSTICO INTERNACIONAL

Composta por S. S. o Papa João XXIII

O' Jesus, Rei dos povos e dos séculos, acolhei os atos de adoração e de louvor que nós, Vossos irmãos de adoção, humildemente Vos tributamos.

Vós sois "o Pão vivo descido do céu, que dá a vida ao mundo" (Jo 6, 33); Sumo Sacerdote e Vítima, Vós Vos imolastes na Cruz em sacrifício cruento de expiação ao Eterno Pai para a redenção do gênero humano, e agora Vos ofereceis quotidianamente sobre nossos altares pelas mãos de Vossos ministros, para instaurar em todos os corações Vosso "reino de verdade e de vida, de santidade e de graça, de justiça, de amor e de paz" (Pref. da Missa de Cristo Rei).

O' "Rei da glória", venha, portanto, Vossa reino! Reinai, de Vosso "trono de graça" (Hebr 4, 16), nos corações das crianças, para que conservem imaculado o cândido lírio da inocência batismal. Reinai nos corações dos jovens, para que cresçam retos e puros, dóceis à voz daqueles que Vos representam na família, na escola, na Igreja. Reinai nos lares, para que pais e filhos vivam unidos na observância de Vossa santa lei. Reinai em nossa pátria, para que todos os cidadãos, na ordem e na harmonia das classes sociais, sintam-se filhos de um mesmo Pai celeste, chamados a cooperar para o bem temporal comum, felizes por pertencerem ao único Corpo Místico, do qual Vosso Sacramento é ao mesmo tempo símbolo e fonte imperecível.

Reinai, enfim, ó Rei dos reis e "Senhor dos senhores" (Dt 10,17), sobre todas as nações da terra e iluminai os governantes de cada uma, para que, inspirando-se no Vosso exemplo, alimentem "pensamentos de paz e não de aflição" (Jer. 29, 11).

O' Jesus Eucarístico, fazei que todos os povos Vos sirvam livremente, cientes de que "servir a Deus é reinar".

Vosso Sacramento, ó Jesus, seja luz às mentes, fôrça às vontades, atração aos corações. Seja éle amparo dos fracos, conforto dos que sofrem, viático de salvação dos que morrem; para todos, "Rei da glória futura". Assim seja.

O Santo Padre, em audiência concedida a Sua Emcia. o Card. Canali, da Sagrada Penitenciária Apostólica, no dia 21 de fevereiro do c.a., dignou-se conceder a indulgência parcial de 10 anos aos fiéis que rezarem com coração contrito dita oração, e a indulgência plenária uma vez por mês a ser lucrada pelos que, nas condições de costume, a rezarem quotidianamente durante o mês todo (Cfr. AAS, LI(1959), pg. 153).

ALGUNS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DE FORMAÇÃO SACERDOTAL

Discurso Póstumo de S. S. o Papa Pio XII (*)

A exemplo do Divino Mestre, que gostava de isolar-se com seus Apóstolos para derramar em seus espíritos os tesouros de sua infinita sabedoria e bondade — “seorsum autem discipulis suis disserebat omnia” (Mc 4.34) — também Nós, seu indígnio Vigário na terra, sentimos o prazer de acolher-vos em Nossa casa, diletos filhos, Superiores, Ex-alunos e Alunos do Seminário Regional das Apúlias, guiados pelo eminente Senhor Cardeal Prefeito da Sagrada Congregação dos Seminários e das Universidades de Estudos, como também pelos mui zelosos Arcebispos e Bispos da Região das Apúlias, reunidos todos em Nossa presença, desejosos de coroar com solenidade e com fruto a celebração do quinquagésimo aniversário de fundação de vosso Instituto. Se nunca julgamos alheio ao Nosso Ofício de Pastor universal encontrar-nos com cada uma das porções do rebanho de Cristo, o que dizer dêste encontro convosco, diletos Clérigos, esperança da Igreja e Nossa, jovens rebentos da vinha do Senhor, futuros herdeiros do depósito de salvação e de santidade, chamados a ser, de modo particular, “sal da terra” e “luz do mundo” (cfr. Mt 5, 13-14)? Nada, de fato, de mais próprio e digno pode fazer o Romano Pontífice para tôda a Igreja, e cada Bispo pela sua Diocese, depois de ter atendido com diligência às necessidades atuais dos fiéis, do que prover com tôda solícitude à perfeita formação daqueles que deverão perpetuar sôbre a terra, para a salvação de todos os povos, a mística presença do Sumo Sacerdote Cristo Jesus, feito visível naqueles nos quais se cumprirá, até à consumação dos séculos, a promessa da quase identificação Consigo e com o Pai: “Qui vos audit me audit et quis vos spernit me spernit. Qui autem me spernit, spernit eum qui misit me” (Lc 10, 16). A êste alto motivo, que vos torna caros a vossos Pastôres, acrescente-se

(*) AAS, L(1959), pgs. 961-971. O presente discurso foi preparado pelo pranteado Papa Pio XII para o dia 19 de outubro de 1959, dia em que deveria receber em audiência os Professôres e alunos do Seminário Regional das Apúlias, que celebravam o cinquentenário daquela instituição.

o outro, estreitamente unido com o primeiro, a sua natural preocupação em assegurar a estabilidade e o progresso da obra para a qual eles completamente dispendem sua vida. A Igreja, sob certos aspectos, é também uma família, em cuja honra, progresso e continuidade seus Pastôres, como pais, estão vivamente interessados. Tendo-a recebido em herança dos predecessores, nas concretas e limitadas atuações de dioceses e de paróquias, os que a amaram e serviram com o dom e o sacrifício de si mesmos, não saberiam tolerar o pensamento de uma possível extinção, seja por falta de vocações, seja por falta de aptidão dos sucessores. Assim como nas grandes famílias o responsável é solícito pela continuidade da estirpe e pela manutenção do esplendor dos ancestrais. Pois bem, vós, Seminaristas, sois para Nós, para vossos Bispos e para o Clero mais idoso, os futuros herdeiros da nobilíssima Família a que destes o nome, e do ingente patrimônio de bens e glórias espirituais, acumulado com tantas imolações e fadigas por inúmeras gerações. Eis porque sois objeto de amorosas e assíduas solitudes, e porque o Seminário é considerado pelo Bispo e pelo Clero a pupila de seus olhos. Sois, portanto, particularmente bem-vindos, dilectos alunos do Seminário Regional das Apúlias, aos quais o Nosso coração, seguindo o exemplo do Divino Redentor, quererá realmente confiar tudo, "omnia", mas deverá contentar-se de recordar apenas alguns princípios fundamentais de formação sacerdotal, certo aliás da sábia orientação de vossos Superiores, que não ignoram as copiosas fontes de regras e de experiências, com que se enriqueceu a Igreja através dos séculos, neste campo essencial e delicado. Fá-lo-emos, porém não antes de termos tomado parte na alegria de vosso cinquentenário e re-evocado ao mesmo tempo algo de seu passado.

As celebrações jubilares de entidades, associações e institutos, que não raras vezes se deseja concluir em Nossa presença e com Nossa Bênção, embora sejam assinaladas por particulares características, exprimem tôdas um significado comum: afirmar a vitalidade do organismo com a prova dos anos, e confirmar o compromisso de prosseguir com maior entusiasmo para os objetivos visados. Certamente é este também vosso primeiro pensamento ao findar o quinquagésimo ano de atividades de vosso Seminário. Acompanham-no outras reflexões e sentimentos, como a satisfação tranqüila em pertencer a uma obra excelente; o reconhecimento para com os que abriram os primeiros sulcos e lhes asseguraram a fecundidade; o desejo de reavivar a simpatia dos que de qualquer modo lhe pertenceram e os quais, se eminentes, são quase chamados a dar testemunho em favor da mesma obra; não por último, o desejo de tirar do passado úteis ensinamentos, e da recordação de suas origens uma renovação no espírito. Celebrações, portanto, não inúteis, mas frutuosas são aquelas que freqüentemente se deseja encerrar junto a Nós, porque para a maior parte das obras que vicejam na Igreja de Cristo, o retôrno às fontes equivale a um banho tonificante no espírito primigênio, despertado pelo Senhor. A Igreja, de resto, quando no seu diuturno caminho quis sacudir da sua veste santa e imaculada a inevitável poeira dos séculos, que por vezes lhe impedia a marcha desimpedida, não encontrou meio mais apto do que voltar ao espírito e à prática de suas origens, não

para reassumir os limites estreitos e o meios rudimentares impostos pela lei reguladora de toda a evolução humana, mas para revigorar homens e meios naquela aura limpa e intensa de divino, que emoldurou seu berço.

De modo análogo e com as devidas proporções, vós tencionais voltar com recordação afetuosas aos primeiros anos de fundação de vosso Seminário, dominados pelo inclito espírito de S. Pio X, justamente considerado fundador dos Seminários Regionais, especialmente do vosso, primeiro em ordem de tempo entre os que ele fundou. Desejando também Nós contribuir para animar e aumentar vosso fervor na formação dos seminaristas para a missão sacerdotal, expor-vos-emos alguns pensamentos, deixando-Nos inspirar pela memória do Santo Pontífice.

De fato, quem melhor nos poderia auxiliar com suas luzes neste assunto se não Ele mesmo, Pio X, sacerdote santo, dedicado constantemente, nos anos que procederam sua eleição, a formar nos seminários densos grupos de sacerdotes segundo o coração de Deus; e depois, Pontífice santo, cujo pontificado parece ocupar o centro do que se poderia definir "o século de ouro" dos seminários? Embora em todos os tempos a Igreja tivesse sido solícita pela aprimorada formação do clero; e embora ao Concílio de Trento a história atribua justamente o grande mérito da instituição dos seminários, bom número dos quais teve origem naqueles decretos e ainda conserva fama exemplar, especialmente em Roma; todavia seu esplêndido florescimento em número, organização e fecundidade, sua sábia adaptação às novas condições dos tempos, teve início há quase cem anos. Grandioso é o número dos Documentos e Atos que se referem à formação do clero devidos aos Nossos Predecessores imediatos, dos quais cada um se distinguiu por méritos particulares. Poderíamos, por exemplo, reconhecer em Pio IX aquêle que no Concílio Vaticano ajuntou novos anéis de estabilidade jurídica aos já sancionados pelo Tridentino; em Leão XIII o incomparável reorganizador dos estudos sacros; em S. Pio X o ardente animador da santidade e do zelo sacerdotal; em Bento XV aquêle que deu estrutura definitiva à renovada instituição, seja com a promulgação do Código de direito canônico, seja com a criação de um Dicastério próprio, a Sagrada Congregação dos Seminários e das Universidades de Estudos; em Pio XI aquêle que aperfeiçoou a obra dos Predecessores, dotando principalmente os Seminários Regionais da Itália de imponentes edifícios, entre os quais o vosso de Molfetta. Este, todavia, permanece sempre vinculado à excelsa figura de S. Pio X, como primogênito entre os outros por ele fundados.

A coincidência do ano de fundação dêste, em Lecce, com a data da Exortação Apostólica *Hacrent animo* (4 de agosto de 1908), na qual o Sumo Pontífice tratava, como que pintando a si mesmo, do ideal do Sacerdote, exprime eloqüentemente a gênese interior dos Seminários Regionais e dos objetivos a êles fixados. Alguns anos mais tarde, confortado pela feliz experiência do primeiro, destinado aos seminaristas das Apúlias e da Lucânia, ao erigir o outro de Catanzaro para as Calábrias, publicou a Constituição Apostólica *Susceptum inde* (25 de março de 1914; AAS, VI (1914), pp 213-218), considerada comumente como a **magna carta**

dos Seminários Regionais. Mas, na presente ocorrência jubilar, vós lembrais com ternura a carta dirigida aos Padres da Companhia de Jesus da Província de Nápoles, a cujos cuidados confiava o novo Seminário, e na qual o Sumo Pontífice se dizia "presente em espírito à festa" da inauguração. Pois bem, diletos Superiores e Alunos, como temos fundadas razões de crer que, na glória dos céus, o santo "Fundador" não esqueceu seu "primeiro Seminário Interdiocesano", assim vós, seguindo seus ensinamentos e exemplos, esforçai-vos para que se perpetue no meio de vós a presença de seu espírito bemaventurado. Isso acontecerá se realizardes o voto de seu magnânimo coração, expressado igualmente naquela oportunidade: que o vosso seja "um Seminário modelar" (Carta de 6 de novembro de 1908).

De que maneira um seminário pode merecer o título de "modelar"? Eis o que Nós propomos indicar-vos com breves acenos, quase como fruto duradouro de vossa ocorrência jubilar. A palavra "modelar", no auspício do Fundador dos Seminários Regionais, significa perfeição exemplar no conseguimento dos objetivos essenciais a êles fixados. Nas instituições de educação coletiva, como são os seminários, em que tudo é pormenorizadamente previsto e prescrito desde a distribuição do tempo até os diversos atos de piedade e de estudo — a observância puramente externa e quase mecânica das normas estabelecidas, especialmente se tolerada e não recebida com consentimento sincero, pode dar, sim, a impressão de um organismo surpreendente por ordem e disciplina; mas não é prova ou garantia da consecução do fim essencial, que consiste na sólida formação da consciência sacerdotal e em orientar tôdas as faculdades pessoais para a vida de perfeito ministro de Deus.

O princípio e fundamento da formação sacerdotal é, portanto, a convicção iluminada, íntima e firme da excelsa dignidade do Sacerdócio; convicção que nasce no espírito sob o impulso da graça divina. Só assim essa verdade se impõe à vontade sob a forma de um bem sumamente precioso e desejável; é o "tesouro do campo", a "pérola de grande valor" cuja aquisição merece tôda a renúncia (cfr. Mt 13, 44-45). Ela muda rota à vida, dá valor ao menor ato no dia do seminarista, leva-o a aceitar tôdas as prescrições, bendizer tôdas as renúncias, tornar agradável a fadiga do estudo e o peso da disciplina. Os testemunhos acêrca da excelsa dignidade do Sacerdócio, desde os tempos Apostólicos até nossos dias, são tão copiosos e concordes, que o educador e o aluno podem servir-se deles sem dificuldade. Seguindo esta áurea tradição, Nós mesmo não temos deixado passar ocasião alguma de chamar sôbre ela a atenção do clero e dos seminaristas, especialmente com a exortação Apostólica "Menti Nostrae" (23 de set. de 1950; AAS, XLII (1950), pg 657 ss.). Querendo agora não acrescentar, mas desenvolver de alguma forma alguns daqueles conceitos, particularmente da terceira parte, julgamos oportuno propor-vos êstes pensamentos:

1. A preparação ao Sacerdócio significa formar em si uma alma sacerdotal.

O caráter sacramental da Ordem sela da parte de Deus um pacto

eterno de seu amor de predileção, que exige da criatura escolhida, em troca, a própria santificação. Mas também como dignidade e missão, o Sacerdócio requer a preparação pessoal da criatura, sob pena de ser julgada como os convidados desprovidos da veste nupcial e como os servos esbanjadores dos divinos talentos (cfr. Mt 22, 11-12; 25, 15-30). A dignidade concedida deve, portanto, corresponder uma dignidade adquirida, para a qual não basta um só ato de vontade e de desejo, ainda que intensíssimo. Realmente tornamo-nos sacerdotes se formamos em nós uma alma sacerdotal, empenhando incessantemente tôdas as faculdades e energias espirituais para conformar a própria alma com o modelo do eterno e sumo Sacerdote, Cristo. A essa metamorfose espiritual, cujas dificuldades não se escondem, mas nem as íntimas delícias se ocultam, deve ser dirigida a obra educadora dos seminários. Os termos *ad quem* desta metamorfose interior devem dizer respeito à pessoa do candidato, ao mundo, à futura atividade.

Com humildade e verdade o seminarista deve acostumar-se a nutrir de sua pessoa um conceito bem diferente e mais alto do que aquêle ordinário do cristão, ainda que insigne; êle será um escolhido entre o povo, um privilegiado dos carismas divinos, um depositário do poder divino, numa palavra, um *alter Christus*, que substituirá o homem com tôdas as suas naturais exigências e condições. Sua vida não será mais sua, mas de Cristo: é Cristo que vive nêle (cfr. Gál 2, 20). Êle não "se pertence", como não pertence a parentes, amigos, nem a uma determinada pátria: a caridade universal será seu respirar. Os próprios pensamentos, vontade, sentimentos, não são seus; mas de Cristo, sua vida. Tais conceitos podem parecer muito ousados em nossos dias em que a máxima "viver a sua vida" é difundida como assioma indiscutível, também quando significa autonomia e liberdade sem freios; — mas, não é talvez o sacerdote "sal da terra" e "luz do mundo" (Mt 5, 13-14)?

Igualmente diversa e mais elevada é a visão do mundo na alma sacerdotal. Seus olhos não vêem senão um mundo povoado de almas: seus dotes, suas lutas, chagas, necessidades. Os sentidos externos encontram-se ainda com corpos, mas enquanto são tabernáculos de Deus ou destinados a sê-lo e com bens materiais, enquanto meios para a glória divina. Essa visão espiritual, enquanto atenua as seduções do mundo físico, torna mais intenso o sentimento de caridade para com aquêles cuja vida é pródiga de lágrimas; êstes são os predilectos da alma sacerdotal. Embora viva no mundo, o sacerdote não se sente seu prisioneiro, nem sob os impulsos às vêzes violentos das paixões, nem pelo peso das misérias; mas, livre como todo o espírito que se movimenta em seu centro conatural, êle domina os eventos, as contradições, a futilidade do tempo e da matéria. Êle é o cabeça de todos os que pretendem revoltar-se contra a escravidão do pecado, declarando guerra à concupiscência da carne e dos olhos, e à soberba da vida (cfr. 1 Jo 2,16). Adversário declarado do mundo (cfr. *ibid.* 15), êle não teme suas vinganças, nem sucumbe a suas ameaças, nem tem esperança em seus prémios. Nem sequer da Igreja êle espera recompensas terrenas para suas fadigas, bem satisfeito com a honra de

“cooperador de Deus” e com os inefáveis confortos que Deus concede a seus servos.

Também de sua futura **atividade** o seminarista adquirirá conceitos superiores, derivados da condição de “ministro de Deus” e de “administrador dos mistérios de Deus” (1 Cor 4, 1), de “colaborador de Deus” (ibid. 3,5). O ministério sagrado deverá condicionar todos seus atos e obras. Será o homem das intenções retas e santas, semelhantes àquelas que movem Deus a agir. Toda a mistura de intenções pessoais, sugeridas só pela natureza, deverão ser consideradas indignas do caráter sagrado e evasões da própria órbita. Se determinadas atividades lhe fôrem largas de humanas satisfações, êle agradecerá a Deus, aceitando-as como subsídio, e não como substituição, das santas intenções. Mas sua principal atividade será estritamente sacerdotal, isto é, de mediador dos homens, oferecendo a Deus o Sacrifício do Novo Testamento, administrando os Sacramentos e a palavra divina, recitando o Ofício divino em favor e como representante do gênero humano. Abstraído de casos raros de evidente inspiração divina, o sacerdote que não subisse ao altar devota e freqüentemente, como prescrevem os sagrados cânones (cfr Cod. Juris Can., cân. 805-806), e não administrasse, quando necessário, os Sacramentos, seria semelhante a uma árvore plantada pelo Senhor na sua vinha, talvez admirável por muitos encantos, mas tristemente estéril e inútil. Tanto mais negativo deveria ser o juízo sobre o sacerdote que antepusesse, em sua estima, ao exercício do poder sacramental, atividades externas, mesmo que nobilíssimas, como a ciência, ou utilíssimas, como as obras sociais e de beneficência, embora êle, se fôr destinado por seu Bispo para os estudos científicos ou para as atividades caritativas, possa bem reconhecer em ambas um precioso e hoje necessário apostolado. Não somente Deus e a Igreja, mas também os fiéis leigos, às vêzes os mais tímidos, gostam de ver no sacerdote, antes de tudo, o Ministro de Deus, rodeado a cada instante pelo mesmo halo que irradia do estensório sagrado. Com efeito, sagrada é não somente sua obra, mas também sua pessoa. Face a tão profunda transformação e sublimação, exigida pela Igreja às vossas almas, a humildade vos faça até repetir “Quomodo fiet istud?” (Lc 1, 34); mas a confiança na onipotência da graça vos torne tranquilos.

2. A preparação ao Sacerdócio significa tornar-se instrumento apto nas mãos de Cristo.

Imensa é a dignação de Deus para com aquêles que escolhe como instrumentos de sua vontade salvífica! Depositário e dispensador dos meios de salvação, como não pode dispor dêles a próprio arbítrio, pois é “ministro”, assim mantém inalterada a autonomia de sua pessoa, a liberdade e a responsabilidade de seus atos. Êle é, portanto, instrumento consciente de Cristo que, qual genial escultor, serve-se dêle como de cinzel, para insculpir nas almas a imagem divina. Ai! se o instrumento se negasse a seguir a mão do divino artista; ai! se por próprio capricho deformasse o desenho! Muito medíocre resultaria a obra se o instrumento, por própria

culpa, fôsse inepto! A finalidade dos seminários é pròpriamente esta: guiar os jovens seminaristas para se tornarem instrumentos de Cristo perfeitos, eficazes, dóceis.

Antes de tudo, perfeitos, isto é, munidos dos dotes neccssários ao exercício do sagrado ministério. Vós conheceis certamente quais scjam êles: quereríamos, contudo, notásseis como a perfeição do sacerdote não é um fato subsistente em si; antes, segue e se sobrepõe à perfeição natural e humana do indivíduo: Ninguém se torna sacerdote perfeito, se não fôr, de alguma forma, homem perfeito. Nêste conceito parecem inspirar-se os sagrados cânones, que exigem no ordenando a imunidade de alguns defeitos e irregularidades (cfr. Cod. Iur. Can., cân. 984, 987). Essa exigência, por assim dizer, é dividida pelo povo cristão que almeja reconhecer no próprio pastor um homem diferente dos outros por dotes e virtudes também naturais, uma "pessoa superior" por qualidades intellectuais e morais, portanto culto, inteligente, equilibrado nos julgamentos, seguro e calmo no agir, imparcial e metódico, generoso e pronto para perdoar, amigo da concórdia e inimigo do ócio, numa palavra, o "perfectus homo Dei" (2 Tim 3, 17). Para o sacerdote também as chamadas virtudes naturais são exigências do apostolado, porque sem elas êle viria ofender ou afastar os outros. A essa perfeição, já adquirida do melhor modo possível, deve acrescentar-se a perfeição própria do estado sacerdotal, ou seja a santidade. Na citada exortação Nossa ilustramos longamente a equivalência, e quase sinonímia, entre Sacerdócio e Santidade. Esta é o elemento primeiro que faz do sacerdote um perfeito instrumento de Cristo, já que o instrumento tanto mais é perfeito e eficaz, quanto mais estreitamente está unido à causa principal, que é Cristo.

Sua eficácia, além disso, é dada pela sua ciência, particularmente teológica. Mas da formação científica do clero temo-Nos ocupado repetidamente em outras oportunidades e também em documentos solenes (cfr. Discorsi e Radiomessaggi, vol. 1, pág. 211-228 — AAS, 31 (1939) pág. 245-251; Litt. Encycl. "Humani Generis", 12 de ag. de 1950, passim). Estejais certos de que não se pode ser instrumentos eficazes da Igreja, se não estivermos munidos de uma cultura proporcionada aos tempos. Em muitos casos não bastam nem o fervor das próprias convicções, nem o zêlo de caridade para conquistar e conservar as almas para Cristo. Também aqui o bom povo tem razão, quando deseja sacerdotes "santos e doutos"! Seja portanto o estudo a vossa ascese, tanto mais que êle tem como objeto as coisas divinas.

Más, se a perfeição e a eficácia do instrumento podem ser supridas por Deus, a docilidade depende da vontade humana. Um instrumento indócil, rebelde à mão do artista, é inútil e prejudicial; é antes instrumento de perdição. Deus tudo pode fazer com um instrumento bem disposto, ainda que imperfeito; nada, pelo contrário, com um rebelde. Docilidade quer dizer obediência; mas muito mais, "disponibilidade não mãos de Deus" para qualquer obra, necessidade, transformação. A perfeita "disponibilidade" se consegue com o desapêgo afetivo dos desejos pessoais, dos próprios interêsses, e também das mais santas iniciativas. O desapêgo, por sua vez, baseia-se na humilde verdade ensinada por Cristo:

“quando tiverdes feito tudo o que se vos mandou, dizei: somos servos inúteis” (Lc 17,10). O mesmo, no entanto, não implica, conforme já acentuamos, nem diminuição de compromisso nos encargos recebidos, nem renúncia à legítima satisfação pelos bons resultados obtidos. A disciplina que o seminário vos impõe, com espírito sempre paterno, não tem outro escopo que o de educar-vos à docilidade para com Cristo e a Igreja.

3. Preparação para a perseverança.

Tudo parece róseo em vosso redor, diletos seminaristas, nestes anos de preparação, aos quais voltareis com a lembrança cheia de doces saudades. Vosso atual entusiasmo juvenil, as retas intenções que vos animam, o empenho com que atendeis à santificação, fazem-vos talvez presentir um ministério sacerdotal fecundo e tranqüilo, cuja serenidade não será perturbada nem pelas lutas contra os inimigos de Deus. É o que vos auguramos de coração; mas a realidade não deve ser escondida. É necessário que desde já vos prepareis, para qualquer eventualidade, a suportar seu flagelo, exercendo-vos na vigilância e na perseverança. Com o passar dos anos, com o multiplicar-se das fadigas e das lutas, com a natural diminuição das fôrças físicas e psíquicas, não será absolutamente anormal que se produzam em vosso espírito aquelas crises profundas que parecem ofuscar todo ideal, perturbar os mais belos programas, apagar os mais acesos fervores. Muitas vêzes a tais crises, acompanhadas alguma vez pelo imprevisto desencadear-se das paixões, deu-se ádito, por se haver transcurado as mais elementares cautelas, quando não com o voluntário não cumprimento de estritos deveres; mas, não raramente, elas sobrevêm igualmente, sem que se lhes seja dada ocasião, quase como furacões imprevistos num mar tranqüilo. O ritmo febril do dinamismo moderno, que impede à alma interrogar-se e escutar-se, as mil insídias escondidas no caminho comum, a difundida desorientação dos espíritos concorrem em criar êstes dramas interiores. O sacerdote, até então “homem superior”, pode vir a encontrar-se no número daqueles homens, descritos eficazmente com a expressão comum “homens com os nervos em frangalhos”, isto é, incapazes de retomar as rédeas e o domínio de si mesmos. Se isso acontecesse, ninguém poderia prever o epílogo de uma vocação até então clara e fecunda. Conjuramo-vos, portanto, diletos seminaristas, a que vos adestreis desde o presente momento a tais possíveis eventos, prevendo e provendo. Medi, antes de tudo, vossas fôrças, calculando, porém, numa única soma, aquelas que Deus vos dará; mas fazei de tudo para conservá-las intactas, para aumentá-las, adotando aquelas cautelas e indústrias que a Igreja largamente vos oferece. No exercício da perseverança, muito deveis esperar da sábia orientação dos diretores de espírito, e, além disso, da ininterrupta austeridade de vossos costumes, da ordem de vossos horários, da moderação no empreender e desenvolver as atividades exteriores. Sublime é a dignidade à qual Deus vos chama, numerosos e prontos os subsídios para vosso uso salutar, mas tudo poderia acabar numa dolorosa desilusão, se não fôsseis solícitos, como virgens prudentes, em vigiar e perseverar. — Ao clero idoso quereríamos

recomendar: não desiludais ao jovem sacerdote. Sem dúvida as desilusões são inevitáveis, seja que procedam das condições humanas gerais, seja de particulares motivos locais; mas não devem originar-se do fato que sacerdotes mais velhos, talvez desanimados pelos desenganos da vida real, entorpeçam as vivas energias do jovem clero. Onde a madura experiência não exige um não resoluto, deixai-o fazer projetos, deixai-o experimentar, e, se tudo não tiver êxito, confortai-o e encorajai-o para novas iniciativas.

Eis, diletos seminaristas, os pensamentos que desejávamos confiar-vos e oferecer-vos na presente fausta recorrência. A vós, Superiores, confiamos no entanto, esta seleta multidão de almas juvenis, cândidas e fervorosas, das quais tudo podereis obter, com o auxílio da graça divina; se, por vossa vez, vos deixardes guiar pelos ensinamentos da Igreja. Concorrei com tôdas as energias para que elas se tornem verdadeiramente almas sacerdotais segundo o coração de Deus, válidos apóstolos para a salvação e santificação das diletas populações das Apúlias, continuadores das gloriosas tradições de vossas Dioceses. O Santo Pontífice Pio X interceda junto ao trono de Deus e de sua Santíssima Mãe, a fim de que se realize êste Seu e Nosso augúrio.

O CATEQUIZANDO: CRIANÇA E ADOLESCENTE

Dom João da Costa Rezende
Arceb. Coadj. de Belo Horizonte

1) Observações prévias

Eu diria um truísmo se fôsse recordar (numa assembléia destas) a velha norma que para ensinar latim a João o principal não é conhecer latim mas sim conhecer João. Podemos, no entanto, salientar que, se isso é verdade para o ensino das línguas, da matemática e de ciências naturais, muito mais o é para o ensino do catecismo, que mais do que transmitir conhecimentos, é despertar para uma adesão de todo o ser e para uma vida. "Haec est vita aeterna ut cognoscant te...". Creio até poder dizer que está no próprio evangelho essa norma, lá onde diz Jesus que o bom Pastor conhece as suas ovelhas.

O fruto que o catequista pretende tirar de suas aulas não é apenas alunos que saibam bem a matéria ensinada, mas cristãos conscientes de sua dignidade, de seus deveres e dispostos a viverem a vida da graça. As vezes se verifica o paradoxo de um primeiro aluno de catecismo estar bem longe de ser um dos primeiros no Reino de Deus. Para afastar cada vez mais a possibilidade dêsse paradoxo é que queremos procurar todos os caminhos que nos conduzem a uma catequese viva e vitalizante. Para isso é extremamente importante conhecer a psicologia de nossos catequizandos.

Sabemos que por detrás de todos os conhecimentos, embora os mais especializados, de dados psicológicos e de normas pedagógicas, há de se poder contar sempre com o bom senso e a experiência; e mais por detrás ainda — ou antes mais por dentro — há de se esperar sempre da assistência do Divino Espírito Santo — "qui nos docebit omnia" —; mas o bom catequista não pode prescindir dos dados atuais da ciência da educação, sem os quais se arriscaria a um trabalho inadaptado e ineficiente. Um espírito simplista poderia julgar, por exemplo, que dar catecismo a uma criança e dá-lo a um adulto seria apenas questão de dosar a quantidade. Como se u'a mãe para alimentar os filhos variasse apenas a quantidade e desse o mesmo alimento sólido e forte ao recém-nascido e ao já desenvolvido. Pois a ciência que as mães têm quase intuitivamente para distribuir o alimento aos filhinhos, deve tê-la e adquirí-la o catequista para nutrir na sabedoria da graça e da verdade os

1) Tese apresentada ao Encontro dos Diretores Diocesanos de Ensino Religioso (fev. de 1959).

filhos de Deus. E, ainda, para não correr o risco de adotar "receitas", sem possuir o espírito, deve ter a humildade bastante de se fazer pequeno com os pequenos para sentir de perto seus problemas.

2) Breve aceno à catequese dos pequeninos antes de 7 anos

A tarefa de ensinar à criancinha dos três aos seis anos é uma tarefa essencialmente maternal. E, por isso, mais do que noutras etapas, a mestra e a catequista têm um papel supletivo. É tão delicada essa responsabilidade que está sendo objeto nos dias de hoje de estudos os mais especializados. "Sua majestade a criança" — como alguém já disse — tem todos os direitos. Não vou entrar em detalhes, por estar fora de meu tema, e lembraria apenas que o ensino da religião para a criancinha se faz mais ocasionalmente e supõe por conseguinte um ambiente e um clima religioso. Esse pequenino que entrou para a família de Deus pelo batismo e que tem já ouvidos fundamentalmente abertos para a palavra da fé — "ephpheta, quod est, adaperine" lhe foi dito no dia do Batismo. — deve encontrar em casa ou no "jardim de infância" a presença de Deus e da vida cristã de maneira que o leve suavemente para o conhecimento e a prática da religião, sem lacunas, nem excessos nem deformações. É preciso lembrar às mães de hoje e às de amanhã e às professoras de jardim todo o alcance dessa verdade. O regaço e os joelhos das mães são de certo modo aqui o regaço e os joelhos da Santa Madre Igreja, junto aos quais amadurece a fé da geração de amanhã.

3) Características da psicologia da criança

Confesso que êste trabalho não pretende entrar profunda e largamente em tôda a multidão de opiniões e teorias e conclusões que a moderna psicologia vem apresentando no campo da pedagogia e em particular da pedagogia do catecismo. Seria um trabalho exaustivo e iria requerer a presença de um especialista. Desejamos principalmente é chamar a atenção para a necessidade de se ter presente a particular condição psicológica do catequizando. Um catequista completo tem que ser um pedagogo; e não será pedagogo se não fôr psicólogo, ou pelo menos não tiver da psicologia um mínimo suficiente para respeitar a condição de cada um de seus catequizandos.

Lembremos antes de mais nada que a criança batizada é um ser complexo: por um lado é uma criança, o que vale a dizer um ser inacabado e desprovido de experiência; mas por outro lado foi já transfigurado pela graça de Deus, pela adoção divina, já tem em germe pelo Batismo a "vocação para a santidade".

O catequista tenha presente o valor cristão da criança, tenha confiança nesse valor e se disponha a dar à criança tôdas as possibilidades para a plenitude da vida cristã. Isso é de primordial importância porquanto muito influenciará no modo de agir do catequista, que supomos cheio de respeito para com a dignidade sobrenatural do pequeno cristão,

cuja fé êle vai nutrir pelo ensinamento do catecismo.

Tenha em seguida presente a psicologia natural da criança tendo em conta hereditariedade, meio ambiente, temperamento, leis do crescimento, experiência progressiva.

A criança por volta dos 7 anos, com o despertar do uso da razão, toma consciência de si. É a hora de levá-la também ao primeiro dom de si, a dizer sim a Deus e de viver na amizade de Deus. É em seguida ir-lhe ministrando um ensino religioso que seja:

concreto: procurando suscitar o encontro da criança com o seu Deus, despertando, alimentando e fazendo crescer a vida da fé;

ativo: isto é, unido à vida de oração e ao exercício das virtudes;

social: quer dizer, realizado em união com os membros do Corpo Místico;

individualizado: isto é, no sentido da vocação sobrenatural de cada um e suscitando uma resposta pessoal ao apêlo de Deus.

Tudo isso será conseguido, se o catequista se identificar com a peculiar situação da criança:

a) que se vai abrindo para uma vida não mais só dos sentidos porém cada vez mais progredida na atividade intelectual;

b) que vai fugindo do egocentrismo dos primeiros anos e abrindo-se para o mundo dos outros;

c) que vai adquirindo a consciência do bem e do mal e precisando por isso mesmo ser orientada para um robusto equilíbrio de sua responsabilidade.

Acenemos ligeiramente às qualidades que a criança apresenta nesse período e das quais o catequista hábil se irá valer na sua tarefa de ensinar o catecismo, o que vale a promover o crescimento da vida sobrenatural dêsse pequeno cristão:

— A criança é **afetiva**. O catequista, pela sua dedicação sincera e total, procurará ganhar-lhe o afeto e assim levá-la para Deus, de cujo amor será bem fácil fazer o pequeno catequizando sentir a intimidade.

— A criança gosta **de ver e de ouvir**. Faça-se uso abundante e criterioso de meios intuitivos e de recurso audi-visuais que hoje não faltam. Esses recursos não suprem a personalidade do catequista, antes a supõem; mas usá-los é tornar a catequese mais adaptada à criança e à criança de hoje.

— A criança é **generosa**. Mostre-se a ela o que Deus pede de nós, o que Deus pede das crianças e ela corresponderá.

— A criança é **curiosa**, quer saber e quer saber o por que das coisas. Pois é a hora de responder a essa tendência e enriquecê-la dos conhecimentos religiosos.

— A criança precisa **movimentar-se**. Além da atividade nas aulas por meio de trabalhos manuais, de jogos instrutivos, de coleções, promova-se a participação ativa em atos da Igreja e na preparação deles; na ornamentação dos altares e do lugar sagrado.

— A criança é fundamentalmente **dócil**. Aproveite-se dessa sábia disposição da natureza para guiar o pequenino cristão pelos caminhos

certos da fé. Cabe aqui acenar a uma tríplice tendência na educação e portanto na catequese: uma **autoritária**, que mataria qualquer iniciativa e transformaria o aluno num mero recipiente de informações e de imposições; outra **anárquica**, em que a vontade do aluno seria a norma definitiva e o educador se transformaria em mero espectador, impassível e inútil; uma terceira, a que podemos chamar **democrática** e que é a estrada certa, na qual o mestre e catequista ensina e dirige, mas promovendo simultaneamente a iniciativa do aluno e levando-o à aceitação e execução consciente das normas e deveres que lhe vão sendo apresentados. Quem souber realizá-lo estará formando realmente cristãos livres e conscientes e estará livrando o aluno das possíveis crises religiosas de amanhã.

— A criança tem a tendência à **imitação**. Donde o catequista deverá ensinar mais pelo exemplo, pela convicção com que fala das coisas da fé, pelo tom de respeito e de amor com que fala de Deus e de sua bondade. O pequeno cristão não pode ter uma idéia geral da santidade da Igreja: para êle a Igreja é o que são seus pais e seus educadores e as pessoas cristãs com que convive. Ensinamos muito mais pelo que somos do que pelo que **dizemos**.

— A criança **acredita no adulto**. Apesar de tôdas as auras de liberdade de opinião e de direito de crítica que hoje se respiram, ainda o fundo psicológico da criança se acomoda muito ao velho "magister dixit". Isto é um bem e é um mal, ou antes uma responsabilidade que nos obriga a ser de certo modo **infalíveis** e sobretudo **coerentes**, para que a criança não seja levada ao erro, ou então acabe não acreditando mais em nós. Um catequista inconsciente poderia achar que dar aula de catecismo para crianças é muito fácil, porque elas aceitarão tudo o que dissermos; quando a conclusão deve ser justamente a oposta: dar aula para crianças é muito difícil porque a docilidade dêlas exige de nossa honestidade a máxima atenção para não omitirmos, nem acrescentarmos, nem deformarmos a verdade.

— A criança é **inconstante**. E isso obriga o catequista a ser sempre interessante, novo, atraente. Quando as crianças estão irrequietas na classe, freqüentemente é porque o professor não se preparou e está sendo monótono, quem sabe está sendo escravo do livro... que, como se sabe, é um ótimo servo mas um péssimo patrão. E se o catequista teimar em querer exigir disciplina de uma classe assim, estará martirizando os alunos e não estará tendo fruto nenhum, a não ser... o fruto azedo do desgosto para com o catecismo.

— A criança enfim — é preciso dizê-lo — é leviana, distraída, estouvada, às vêzes até ingrata ou malcriada. O catequista não se assustará... Irá corrigindo com firmeza e bondade, com critério e com amor e com... incomensurável paciência. Mas sobretudo com amor, pois que se essa é a virtude básica de todo o educador, sê-lo-á sobretudo daquele que de certo modo participa da grande missão de pastoreio universal entregue a São Pedro e para a qual precedeu um célebre exame de amor: "Simon, diligis me?". O amor a Cristo, o amor à Igreja, o amor a cada uma dessas pequenas alminhas tornará o catequista atento

a. tôdas as suas exigências psicológicas e capaz de dentro delas ensinar a religião; ou melhor ainda fazer viver a religião.

4) O adolescente e a catequese

A peculiaríssima psicologia do adolescente é a que mais tem chamado a atenção atual dos mestres de pedagogia. A êste auditório nem é preciso lembrar que o adolescente é um "sêr em crescimento", do qual assim costumam pintar mais ou menos esquemáticamente o retrato: Instabilidade e sonho, entusiasmo e espírito crítico, desconfiança de si. Os adolescentes mudam... são descontentes, desejam fazer grandes coisas e não sabem prolongar os esforços. Afirmam a própria personalidade opondo-se ao que existe. Querem ser reconhecidos pelos adultos e recusam o mundo dos adultos. Sonham ser iniciados nos problemas do mundo, do pensamento e da vida e carecem, penosamente, de maturidade. São pouco mais que crianças e querem julgar de tudo, discutir todos os problemas nacionais e religiosos.

Dentro dêsse quadro, descobre-se ainda uma tríplice etapa: A **infância adulta** (10 a 12 anos), a **preadolescência** (12 a 14/15 anos), a **adolescência** propriamente dita (14/15 a 17/18 anos). É preciso notar que aqui não se trata de duração rígida de tempo, mas antes de um ritmo, de duração flexível e sujeita a muita variação. Fatores vários de clima, de educação, de meio influem em adiantar ou retardar as etapas. Aqui mesmo no Brasil não se nota bem a pre-adolescência e vemos as crianças muito cedo apresentarem problemas de adolescência. Doerosamente é de se notar também que a liberdade de costumes, os máus exemplos, a pornografia e fatores dêsse gênero aceleram e agravam horrivelmente o que é propriamente problema na adolescência.

De modo geral são estas as características das três etapas mencionadas :

a) **Na infância adulta** (10 a 12) a criança se volta para o exterior e não cogita de problemas. É a idade em que há gosto de fazer esforço, de executar algo, de resistir à fadiga, embora não seja constante. Poder-se-á obter muito, se se aproveitar essa necessidade de dedicação, êsse interêsse de agir. No campo religioso há verdadeira generosidade e não há espírito crítico; mas não há também a mesma delicadeza de alma que havia na criança dos 7 aos 9.

Para a sua tarefa específica, tenha presente o catequista as notas características desta idade :

extroversão — idade de história, da objetividade: Cristo é um môdêlo, um Chefe, um guia... que pede esforços marcados de caráter, de generosidade;

desejo de atividade — que dê rendimento: daí a necessidade não somente de ocupar a criança, mas de fazê-la produzir uma porção de pequenos trabalhos. É aqui precisamente que os imensos recursos modernos e a infinita riqueza da liturgia e da ação apostólica da Igreja (missões, imprensa, obras de caridade etc.) nas mãos de um catequista hábil e dedicado obtêm maravilhas da juventude.

b) Na **pre-adolescência** (12 a 14 anos) há a descoberta do **eu**, uma espécie de ansiedade e de dúvida, é quando se opera a afirmação de si em oposição ao meio familiar e social. É o comêço da puberdade com suas características: **físicas** — alongamento dos braços e pernas mais que do tronco, com a correspondente adaptação algo trabalhosa de aparelho respiratório e circulatório (é a estatura **filiforme** do pre-adolescente); **psicológicas**: descoberta do **eu**, da personalidade, necessidade de ser compreendido e ajudado na angústia interior; ambições e sonhos; o adolescente é sobretudo nessa idade incapaz de reconhecer a realidade e mais ainda de a ela se adaptar; projeta, numa espécie de contradição vivida, seu sonho interior, ora em rigorismo, ora em entusiasmos extremados; **negativismo e contradição**: afirma-se opondo-se; afasta a infância adulta em que se achava dois anos antes. Essa oposição, de uma brutalidade imprevisível, é dolorosa para os pais e mestres. No entanto, o pre-adolescente procura um mestre, um guia que lhe desperte confiança e lhe dê coragem;

religiosas: é a época da descoberta da religião interior, descoberta da amizade com Cristo, das relações pessoais com Deus. Há nele um universo espiritual generoso, mas profundamente instável: fervor, dúvidas, recusas, crises de frieza e negativismo apaixonado, projetos, aventuras e sonhos, inclusive vocações missionárias e semelhantes. Embora confusos, já aparecem dolorosos os problemas da pureza e da fé.

O catequista tenha presente essa grande circunstância de que o pre-adolescente descobre (muito embora à sua maneira sentimental, apaixonada e instável) descobre a Cristo, como amigo; mas amigo ao mesmo tempo severo e exigente. É a hora pois de fazer Cristo entrar nessa vida e ocupar nela o devido lugar.

c) Na **adolescência** propriamente dita (15 a 17/18) há no plano **psicológico** a ansiedade de si e a afirmação de si tumultuosas; freqüentemente a inquietação é profunda e o adolescente se fecha em si: crise de silêncio. A descoberta do mundo em que êle vai viver provoca ao mesmo tempo os sentimentos opostos de desejo e de apreensão. O adolescente crê-se facilmente desdenhado, rejeitado pelo mundo dos adultos. Grandes paixões, grandes ambições. O outro sexo o perturba... No plano **espiritual** há um tema central: é a procura ansiosa da vocação — que serei no mundo? de que serei capaz? — e atrás disso ou ao redor disso todos os problemas, particularmente os da fé, da pureza e da vida sacramental. De tudo isso resulta no adolescente um desejo de confiar em alguém, de ser compreendido e escutado, mas ao mesmo tempo uma desconfiança, pela qual se fecha em si... e essa introspecção é inquietante.

Só por aí estamos vendo que o problema da adolescência é um capítulo profundamente sério da educação e da família; é um problema que a vida agitada de hoje — onde o trabalho, os estudos e as responsabilidades sociais culpada ou inculpadamente desfazem a unidade serena do lar — torna cada vez mais agudo. O catequista para afrontá-lo deveria ser um consumado educador e ainda com a capacidade de sanar as lacunas e de corrigir os erros provindos de outros setores cuja influência o adolescente recebe. Que pelo menos êle tenha conhecimento dessas

características do jovem, tenha grande fé e verdadeiro zelo e tenha sobretudo um grande amor à juventude. Esse amor é que o levará a compreender o jovem na atualidade de seus problemas. O que não tiver esse amor, vendo que o jovem precisa de orientação e ao mesmo tempo se fecha, vendo que ele precisa de alguém em que confiar mas não confia em ninguém, muito depressa abandona tudo e é capaz de considerar cada adolescente um caso desesperado. Quando não há nada disso: a compreensão, a dedicação, a apresentação decidida e ardente da mensagem de Cristo ganhará esses moços de uma maneira impressionante. Foi assim que agiram um Dom Bosco, um Thiamer Toth, um Mons. Olgiati. Este último, que ocupa gloriosamente o cargo de Vice-Reitor da Universidade Católica de Milão, nos apresenta bem o tipo de um atual guia de juventude. Os moços o chamavam jocosamente de "Don Gnao", o que corresponderia em português a "Padre Gato". E a razão era a seguinte: ele comparava a alma do adolescente com uma noite de vegetação agreste e desordenada; e ele era o gato que ia remexer nessa noite, ia revirá-la toda para descobrir o enleado dos problemas e resolvê-los. Não ter medo e muito menos aversão aos jovens. Saber que eles são problemáticos, mas é um tempo de crise que passa e que é preciso ajudá-los a atravessar sem prejuízo para sua fé, sua vida religiosa, sua vida moral. Que nobre tarefa para o catequista!

Não entrarei aqui em detalhes de programas, mas é indispensável lembrar que o ensino da religião é essencialmente anunciar a **mensagem de Cristo**, apresentar a Jesus Cristo, centro pessoal da catequese. Pessoa viva com quem a Igreja nos põe em contacto vital pela liturgia e pelos sacramentos. Não pode ser um ensino fracionado, mas nele deve entrar a **história sagrada**, o **dogma**, a **moral**, a **liturgia sacramental** e a **vida espiritual**, tudo harmônicamente unido e centralizado na pessoa de Jesus Cristo. Uma mensagem assim ganhará totalmente o coração dos adolescentes e será até por si mesma o primeiro modo de ajudá-los a superar a tão decantada crise da adolescência.

E para conclusões destas considerações deveríamos agrupá-las ao redor de três pontos:

- A) Adotar ou promover a publicação de textos e adoção de métodos que levem em conta a psicologia da criança ou do adolescente a que se destinam, textos e métodos que coloquem em vitalizante harmonia os aspectos da mensagem cristã: bíblia e história da Igreja, dogma, moral, liturgia e sacramentos, vida cristã.
- B) Promover a formação de catequistas dentro dessa finalidade.
- C) Amar a juventude.

ADMINISTRAÇÃO DAS CASAS RELIGIOSAS

Depósitos bancários e aplicação de capital

Pe. Irineu Leopoldino de Sousa SDB.

Estamos vivendo no Brasil, atualmente, uma época de não pequenas dificuldades, sobretudo de ordem financeira e econômica, para as instituições de educação e de assistência. As casas religiosas, as paróquias, educandários, asilos, hospitais, não só não têm podido expandir suas atividades, como o exigiria o desenvolvimento demográfico da população, como ainda têm dificuldades para manter as atividades normais da instituição. São muito raros os casos em que as disponibilidades financeiras permitem uma situação tranqüila. Já não vamos lembrar com saudades os tempos dos preços baixos, assunto de tantas conversas familiares, comentando o quilo de carne de primeira a seis cruzeiros, o "jeep" comprado por quarenta contos, que ainda está prestando bons serviços à paróquia, e pelo qual já ofereceram à vista até cento e cinquenta mil cruzeiros. Não há lugar para o saudosismo na vida religiosa. Vamos nos adaptando às situações e contingências em que se encontram nossos apóstolos, renovando sempre nossas atividades, e defendendo a posição que a obediência nos confiou, para a salvação das almas.

E' inegável, entretanto, que a maioria das instituições religiosas, atualmente, não tem possibilidade de adquirir os veículos e equipamentos, indispensáveis à boa eficiência normal de seus apóstolos. Nem se pensa na renovação de equipamentos, em vender o carro velho e comprar um novo. As despesas se reduzem ao estritamente necessário e indispensável.

As subvenções e verbas, tanto federais, como estaduais e municipais, de uns três ou quatro anos para cá, entraram em regime de falência. Os restos a pagar se vão acumulando, de ano para ano. Não receber uma subvenção dentro do exercício, significa, a maioria das vezes, não receber mais. Os planos de economia e os "cortes" devoraram assustadoramente as minguadas verbas de muitas instituições educacionais e assistenciais. No corrente ano, o pagamento das subvenções ordinárias foi iniciado com grande atraso sobre os prazos fixados pela lei 1.493, que regula a matéria e com uma redução drástica de 75%. Apenas um quarto das verbas está sendo pago.

Isto coincide com uma alta incontida dos preços de tôdas as utilida-

des. Quem vai à feira, de uma semana para outra, sabe como vão subindo sem cessar os preços dos gêneros alimentícios. As viagens, que são para os religiosos artigos de primeira necessidade, sofreram altas espetaculares, com uma oscilação até agora desconhecida. As passagens internacionais aéreas são cotadas de uma semana para outra, de uma sexta-feira para outra, de acôrdo com as flutuações do câmbio livre. As passagens marítimas, de terceira classe, estão na casa dos quarenta e cinquenta contos, ida somente. Com a dificuldade generalizada, e o custo de vida insupportável, muitas entradas provenientes de donativos e esmolas, ou cessaram, ou se reduziram muito. Não são os ricos os que mais contribuem para a manutenção de obras educacionais e assistenciais. É a classe média, e esta se vê cada dia mais estrangulada economicamente, não podendo mesmo, em muitos casos, prestar o mínimo auxílio às instituições. Não falamos das taxas escolares, dos externatos e internatos — êstes cada vez mais raros — porque ainda não passou o impacto das últimas perturbações criadas pela intervenção estatal em terreno de competência primordial da família, em entendimento com o colégio, mandatário seu, para a educação dos filhos.

Esta situação não é especial das instituições educacionais e assistenciais. Pelo contrário. É o clima generalizado das dificuldades em que se debate o Brasil. Atinge duramente o comércio e a indústria, exceção feita para poucos grupos extraordinariamente poderosos, financeiramente, ou especialmente protegidos pela situação política. Temos notícias de internatos fechados por religiosos, pela impossibilidade de fazer face ao deficit. Anuidades e taxas congeladas, enquanto as contas do armazém subiam de uma semana para outra. Sabemos de tantas obras que não começaram a funcionar no tempo previsto, por falta de recursos financeiros para terminar a construção. Sabemos de construções que ficaram por preços muitíssimo mais altos que o orçamento previsto, por causa da alta da mão de obra e dos materiais de construção, não dispondo a instituição de dinheiro suficiente para comprar de uma vez o material necessário, e encontrando fechadas tôdas as fontes de crédito, antigamente habituais para tais circunstâncias. É quem acompanha o movimento financeiro ou comercial de uma cidade, através de uma das tantas publicações que circulam a respeito, encontra, diariamente, a concordata preventiva requerida, a falência declarada, de casas comerciais e industriais pequenas, inexpressivas, como também de indústrias e firmas poderosas, que sempre gozaram de crédito irrestrito. A certo momento, não puderam continuar suas atividades. Uma instituição educacional ou assistencial entra em regime de falência, quando começa a reduzir suas atividades, para se fechar, por não poder se manter financeiramente. Uma firma comercial ou uma indústria, vai ao juiz, chama os credores, e temos o que se chama concordata preventiva, quando a iniciativa é da própria firma em dificuldades, ou falência, quando a iniciativa parte de seus credores.

A razão última destas dificuldades é sem dúvida a inflação. Excesso de dinheiro, em relação à pequena quantidade de mercadorias, de bens de consumo disponíveis. Insuficiência de produção. Há mais pro-

cura do que oferta de máquinas e equipamentos. A despesa pública é maior do que a receita. O deficit orçamentário é inevitável porque a despesa foi feita em empreendimentos voluptuários, não reditórios, ou em condições antieconômicas. E com o deficit orçamentário, a espiral inflacionária, com as emissões de dinheiro em papel, aumenta assustadoramente. Tudo vai bem em casa, quando o chefe de família e a dona de casa são controlados, e só gastam o que têm, quando ajustam as despesas mensais na medida da receita que os diversos membros da família, trabalhando, conseguem realizar. Se, porém, o chefe desanda, e principia a gastar mais do que recebe, começam os empréstimos, as hipotecas, as penhoras, o dinheiro tomado a juros de usura, a insolvência de compromissos para com terceiros, e se termina inevitavelmente na falência, na bancarrota.

A inflação é, por sua própria definição, a existência de dinheiro em excesso, com relação à quantidade diminuta de bens de consumo ou de produção existentes. De aí surge uma característica interessante dos períodos inflacionários: há dinheiro demais, e tudo custa caro demais, tudo é mais difícil. E por haver dinheiro demais, há sempre os aproveitadores e especuladores. Nunca há tanta oportunidade para os aventureiros, como em períodos inflacionários. Quer sejam indivíduos isolados, quer sejam grupos organizados. Nunca aparecem negócios, na aparência excelentes — negócios da China, como diz o provérbio — como em tempo de inflação. As firmas comerciais e industriais têm necessidade de numerário cada vez mais elevado, para pagar a pequena produção, ou os pequenos estoques de mercadoria que conseguem manter, para atender a uma clientela que pede sempre mais, por dispor sempre de mais dinheiro.

E' nos períodos inflacionários, que acarretam tanta dificuldade para o desenvolvimento normal e ampliação das atividades de nossas instituições, que mais se corre atrás das pequenas reservas que as casas religiosas conseguem manter para circunstâncias imprevistas. Há sempre alguma disponibilidade, em qualquer paróquia ou casa religiosa. São as esmolas e as subvenções destinadas a uma construção, e que ainda não foram aplicadas. São as entradas regulares da obra, de um colégio, por exemplo, que afluem mais no início do ano, e não se gastam de uma vez. São as bolsas de estudos das vocações sacerdotais e religiosas. São os dotes das religiosas, de vida contemplativa ou não. São muito poucas as casas religiosas que não mantêm, de uma forma ou de outra, pequeno ou grande, algum movimento bancário. Pela própria necessidade de funcionamento da instituição.

Os bancos procuram com muito interesse os nossos depósitos. Nós apenas depositamos, e nunca, ou quase nunca, recorremos ao crédito, para apoio de nossas obras. Os empréstimos bancários são de prazo muito curto — 4 meses, habitualmente — com juros e taxas que encarecem muito as despesas. Quando as instituições têm necessidade de financiamento para construção ou equipamento, regularmente recorrem à caixa econômica, aos institutos, ou a particulares. Hoje, restam somente os particulares, amigos e benfeitores, uma vez que as outras fontes de cré-

dito estão fechadas.

Os grandes bancos, os que realmente têm nome, tradição, e podem por isto garantir os depósitos que recebem, não recorrem jamais a expedientes para conseguir maior número de contas. Milagres, humanamente, ninguém pode fazer. Mas há instituições de crédito que oferecem vantagens excepcionais. Juros altos, pagando-se por fora o que a lei não permite seja pago e escriturado oficialmente na conta corrente. Prometem-se os juros, na hora da abertura da conta, ou quando o representante do estabelecimento visita a casa religiosa, em entrevista com o Superior ou a Superiora. Se depois realmente pagam os juros prometidos, é outra questão, porque poucos ecônomos ou administradores nossos sabem fazer as contas de juros bancários, e poucos se dão a êste trabalho. Nós mesmo já surpreendemos mais de uma conta com juros contados a menos, contra a casa religiosa depositante. Pelos idos de 1951, quando administrávamos uma obra própria de nossa congregação, fomos vítimas dêste expediente. Na Capital de um dos Estados do Brasil organizou-se, em certo tempo, um escritório de contabilidade, com o fim de rever as contas de juros bancários. Se estivessem certas, o cliente nada pagaria pelo trabalho. Se estivessem erradas, o cliente pagaria uma percentagem sôbre a diferença entre os juros devidos e os realmente creditados em conta. É claro que êste escritório de contabilidade não durou muito tempo. Poucos meses depois deixava de funcionar, tendo sido os seus técnicos muito bem colocados nos bancos daquela Capital.

A política que temos seguido até agora, com relação aos nossos depósitos bancários, é a de dividi-los, colocando um pouco em cada banco. Para atender à amizade do gerente, do diretor, de um funcionário, que tem o filho no colégio, que é primo de uma religiosa da congregação ou que nos visitou, demonstrando ter muito conhecimento e muitas amizades em todos os meios eclesiásticos e religiosos. E assim, ora por uma razão, ora por outra, pulverizamos nossos depósitos.

Há também um outro motivo, que é a segurança. Se um banco fôr à falência, levando um pouco das nossas economias, estarão salvas outras, depositadas em outros bancos. Fazemos como Jacó, quando veio ao encontro de seu irado irmão Esaú, dividindo em vários grupos seus familiares e parentes. Se uma turma for atingida, outra se salvará. Não deixa de ser interessante esta razão. Entretanto, quando, não faz muitos anos, houve uma serie de falências bancárias, nos maiores centros industriais e comerciais da Nação, houve sempre grandes prejuízos para casas religiosas. Muitas centenas de contos de reis nós perdemos, no sorvedouro de aventuras bancárias. O que demonstra que, na prática, o argumento de pulverizar para garantir, não tem dado os resultados que se esperavam. Vice-versa, administradores experimentados e prudentes, que concentraram seus depósitos em bancos garantidos, e que tiveram o cuidado de indagar, junto às fontes competentes de informação, periodicamente, a situação financeira e econômica do banco em que faziam seus depósitos, não sofreram nenhum prejuízo.

Em matéria de depósitos, as casas religiosas são benfeitoras dos bancos. Depositam apenas, e sacam somente dentro dos limites de suas

disponibilidades próprias. Raramente recorrem ao crédito, por não lhe ser oferecido em condições adequadas às suas necessidades.

Não existe no Brasil, de forma institucional, uma organização de crédito para apoiar a educação, a assistência à saúde ou assistência social. O Banco do Brasil dispõe de várias carteiras, para financiar os agricultores, os pecuaristas, os industriais. Nenhuma para os estabelecimentos educacionais ou assistenciais. Existe o Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico. Mas não há um banco do desenvolvimento cultural. As caixas econômicas e institutos, dos quais estas instituições, por lei são contribuintes e com importâncias elevadas, têm em seus estatutos planos para financiar inúmeras atividades. Mas a educação e a assistência não foram incluídas. O único recurso oficial, são as subvenções. E este, atualmente, está praticamente inoperante, a não ser para aqueles poucos que dispõem de bons padrinhos ou prestígio político. Ora, o que pesa de maneira extraordinária numa obra de educação, não é tanto a sua manutenção, porque esta pode ser razoavelmente garantida pelas anuidades e taxas. O problema é a construção, são os equipamentos, a aquisição do veículo, do mobiliamento escolar, ou sua renovação periódica. Tudo isto exige muito capital, a ser aplicado de uma só vez. Se os estabelecimentos oficiais de crédito pudessem dispor de uma carteira para financiamento educacional ou assistencial, com juros reduzidos e prazo suficiente, a maior angústia destas obras desapareceria. O agricultor pode levantar um empréstimo no Banco do Brasil, para melhorar sua lavoura, adubar, adquirir máquinas, a juros de 7% ao ano, sob hipoteca de frutos pendentes: se a lavoura produzir, o fazendeiro paga primeiro ao Banco do Brasil; se não produzir, o empréstimo é automaticamente prorrogado por mais um ano. Se se conseguisse aplicar, à construção de colégio, as mesmas condições de crédito que o Banco do Brasil aplica a uma lavoura, a uma partida de gado, ou a uma indústria, teria desaparecido pelo menos metade dos problemas que afligem nossas obras. Não sei, porém, quando se poderá conseguir isto, num país onde os problemas educacionais vêm sendo relegados a plano secundário, há tantos anos, e subordinados às injunções da política partidária.

Seria o caso de as comunidades religiosas se decidirem a resolver por si mesmas este problema. E se quisessem, teriam forças suficientes. Existem atualmente no Brasil mais de 5.000 casas. Se somarmos as paróquias, são mais de 8.000 as unidades de trabalho de que dispõe a Igreja. Não falamos nas obras especiais que funcionam dentro da mesma casa religiosa. Há casas onde funcionam uma paróquia, uma União de ex-alunos, uma escola profissional, um curso primário, ginásio, colégio, faculdade de estudos econômicos, internato e externato. Cada uma destas seções, com seus recursos, suas possibilidades, podendo até constituir-se em obras independentes e autônomas. Não falamos de seções, mas sim de casas ou comunidades, com os diversos setores considerados como um todo unido. Calculemos que metade destas casas mantém depósitos bancários, para atender ao seu movimento financeiro habitual. Teríamos, de instituições religiosas, em bancos, não menos de 2.500 contas. Suponhamos que cada uma destas contas, umas pelas outras, seja

de apenas Cr\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros). O que é um cálculo muito pessimista, na situação atual de inflação e desvalorização crescente da moeda. Teríamos, com êstes depósitos, uma soma não inferior a Cr\$ 250.000.000,00 (duzentos e cinquenta milhões). Isto é o mínimo que os religiosos mantêm habitualmente nos bancos, em depósitos, sob a forma de conta corrente de movimento ou a prazo fixo. Ora, esta soma é superior ao capital de muitos bancos brasileiros, dos bons e dos conceituados, que operam com extensas rêdes de agências, nos pontos mais distantes do território.

Não queremos insinuar a criação de um banco dos Religiosos, ou da Igreja. Esta proposta surgiu no plenário dos Religiosos, durante o segundo Congresso, em São Paulo, e não chegou a ser discutida. Seria sem dúvida rejeitada. As interferências governamentais sobre os bancos, o pessoal necessário, os equipamentos, os imóveis, são dificuldades muito sérias a vencer neste caminho. A atual Diretoria da Conferência não pensa nisto, nem tomaria a si o encargo de estudar proposta alguma dêste gênero, como não tomou, na ocasião do Segundo Congresso. Além de tôdas as dificuldades, haveria mais esta, que muitos Religiosos queriam imediatamente grandes empréstimos dêste banco, a juros praticamente nulos, e com prazos ilimitados, para se pagarem quando fôsse possível. E poucos seriam os depositantes. Em negócios desta natureza, nós temos mais confiança nos leigos do que nos religiosos. Depois, na prática, nunca se viu uma casa religiosa em falência. Empresas civis muitas, inclusive bancos.

O que, porém, podemos e devemos fazer, porque não nos custa nada, e depende apenas de adotarmos na matéria uma nova orientação, é simplesmente conduzir nossos depósitos tão somente para bancos que em compensação apoiam e ajudam nossas obras, de maneira substancial, e não apenas com alguma insignificante percentagem a mais. Nossos depósitos valem muito, nas mãos dos bancos. E não rendem nada para nós. Com os nossos depósitos, os bancos financiam muitos empreendimentos e operações comerciais e industriais. Seria preciso que passassem a financiar os empreendimentos educacionais e assistenciais que nos interessam diretamente. Tem acontecido já algumas vezes que uma congregação religiosa mantém em determinado banco, importâncias em depósito, a prazo fixo, rendendo 6% de juros anuais. Na outra casa, da mesma Congregação, toma emprestado, do mesmo banco, 12%, e somente por 4 meses, com tôdas as despêsas de contrato — selos, taxas, etc., a mesma importância. Demos nosso dinheiro ao banco, para que êle no-lo devolvesse, a nós mesmos, a preço bem mais elevado.

Os Religiosos poderiam constituir sem dificuldade, um sistema de conta corrente em bancos, que poderia resolver muitos de nossos problemas administrativos. Seria o de uma conta única, em nome de uma organização central, com sub-contas, em nome de cada casa religiosa associada ao sistema. Cada unidade teria sua sub-conta, poderia movimentar livremente suas disponibilidades, até o limite dos depósitos feitos, o sigilo bancário seria guardado, como para todas as contas comuns. A organização central seria informada, periodicamente, pelo banco, do

volume total dos depósitos, e sobre este total, uma percentagem, previamente fixada, poderia ser sacada livremente, para financiar, a prazo e a preços razoáveis, nossos empreendimentos. Estes saques seriam feitos à conta de todos, e à conta de nenhum. Assim como um banco empresta em determinado momento uma soma de dinheiro, que é retirada de todos os depositantes e de nenhum, porque se cada um em particular vier pedir seu depósito, o banco lho devolverá, da mesma forma, numa conta geral, com subcontas, o sistema funcionaria com as mesmas vantagens. O perigo existe apenas na hipótese de todas as sub-contas retirarem seus depósitos, ao mesmo tempo. Nesta hora, a conta geral estaria a descoberto. Isto, no movimento geral de um banco, se chamaria corrida, ou falência. Nesta hora, alguma sub-conta poderia não receber integralmente seu depósito, por ter sido movimentado pela conta geral, em benefício de alguma obra religiosa. Como, porém, este perigo é meramente hipotético, quando se trata de um banco sólido e que inspira confiança, porque é evidente que não vão todos retirar no mesmo dia seus depósitos, da mesma maneira o perigo indicado seria meramente teórico, numa conta geral que mantivesse duas mil ou duas mil e quinhentas sub-contas. A aplicação destes saques feitos à conta geral, seria programada periodicamente por um conselho de Superiores Provinciais, estabelecendo a prioridade das obras a serem atendidas, os prazos e os juros. Mas os empréstimos da organização central a uma instituição particular, poderiam ser feitos de maneira muito simples, mediante um cheque dado contra apresentação dos documentos religiosos — conselho da casa e da província — autorizando a operação.

A aplicação de recursos nossos, para obras nossas, num sistema interno de circulação de nossas disponibilidades, encontra uma dificuldade de ordem prática. Quem tem capital, quer um preço alto pela sua aplicação. Pelo menos, tanto quanto se pode encontrar, em aplicações boas e seguras, na indústria ou no comércio. Quem não tem, e precisa, entre nós religiosos, quer pagar apenas juros de depósitos bancários, ou às vezes, por se tratar de assunto entre religiosos, se quer de graça, sem nenhum juro. Ora, uma ajuda ao vizinho, que importa em prejuízo constante para mim, não é interessante. Isto seria um donativo, e não uma colaboração mútua. Se quisermos portanto que nossas disponibilidades circulem entre nós mesmos, o que permitiria uma extraordinária força de desenvolvimento para nossas obras, é necessário que nos disponhamos a pagar pelo capital o que ele realmente vale, também quando se encontra em mãos da Igreja. Tudo somado, e feitos todos os cálculos, simplesmente do ponto de vista econômico-financeiro, ainda haveria muita vantagem para quem toma dinheiro nestas condições, entre casas religiosas.

Um problema existe no caso de dotes de religiosas professas, quando há disposições a propósito nas constituições. Regra geral, estes dotes devem ser convertidos em títulos, ações rendosas, ou permanecer em depósitos à vista, em estabelecimentos seguros. Ora, na situação em que nos encontramos atualmente, quem garante que as ações de tal ou qual companhia, hoje muito vantajosas, amanhã ainda o serão da mesma forma? E qual a razão de ficar alguma soma paralisada no banco, quando as obras

nossas e dos vizinhos andam tão necessitadas de meios de pagamento? Afinal, temos ou não temos fé na segurança e perenidade de nossas instituições, de nossas congregações religiosas, e na Providência Divina? O que é que julgamos mais seguro, não em teoria nem em palavras, mas na hora concreta de agir: as obras religiosas, os colégios religiosos por exemplo, ou um banco? Qual está mais sujeito à falência? Onde estão mais sujeitos à desvalorização os pequenos recursos que constituem os dotes? Em alguns casos será necessária licença especial para mudar alguma veneranda tradição. Peça-se esta licença. Atualizamos nossos apostolados, nossa formação. Porque não atualizamos nossa administração? Certamente a administração de uma casa religiosa hoje, deverá obedecer a critérios e a princípios diferentes dos que eram seguidos no século XIII ou no século XVI. Uma atualização prudente, ponderada, sensata, se impõe, também neste setor. Atualização que consiste não só em participarmos de cursos especializados, em mandarmos elementos de nossas províncias às escolas de administração ou de contabilidade, mas também na revisão de princípios e métodos. Sem dúvida alguma, é um contrasenso que uma obra da província tome dinheiro do banco, a preço alto, enquanto o dinheiro dos dotes está depositado no mesmo Banco, a juros irrisórios. Este capital poderia circular dentro da própria província, com vantagem para suas obras de apostolado. Creio que a Congregação pode oferecer, no caso de despedida de uma religiosa, muito melhor garantia de devolução do dote, do que um banco. Este pode ir à falência, como tantos têm ido. Aquela não vai, ou pelo menos não temos notícia ainda de caso semelhante.

Existem organizações comerciais, com os objetivos os mais diversos, que procuram dinheiro adiantado das casas religiosas, para seus empreendimentos. Vão editar um livro, de grande interesse da Igreja, naquele Estado, e pedem que os colégios religiosos paguem adiantado, um preço dez ou vinte vezes superior ao valor do livro. Vão fazer um loteamento, perto de uma cidade grande. As ruas ainda não estão prontas, não há calçamento, não há povoação, não há nada. Estamos apenas numa terra inculta, num pouco de mato, próximo de um grande centro. Algumas vezes, este próximo são muitas dezenas de quilômetros. Mas os negócios imobiliários são muito rendosos, a forma de pagamento é muito suave, pesa muito pouco uma pequena prestação mensal. E os corretores e agentes da companhia imobiliária correm às instituições religiosas, procurando capital. Outras vezes projetam alguma obra de grande vulto, de interesse de toda a coletividade. A construção de um túnel, ou de um metrô. E de novo estão às nossas portas. Algumas fábricas de equipamentos para colégios e hospitais têm um sistema interessante de vendas para nossas casas: assinando o pedido, a casa paga 30%: uns dois ou três meses depois, chegam as máquinas, e se pagam mais 30%; quando se termina a montagem, e nesta hora é que as máquinas começam a render para a instituição, paga-se o restante. E os agentes fazem ver ao administrador religioso, inexperiente, que se trata de um pagamento parcelado, de um financiamento que a fábrica faz, por motivo de cooperação religiosa, porque seus diretores são muito religiosos, em benefício das obras edu-

cacionais e assistenciais. E não percebem que realmente a casa religiosa financiou tudo, pagou tudo adiantado. Financiamento se entende, corretamente, em administração, o seguinte: a indústria me entrega a máquina, o veículo, que começa a ser usado por mim, rendendo, prestando serviços ou dando lucro para minha obra. Depois disto, eu começo a fazer pagamentos parcelados à indústria. A máquina está em minhas mãos, rendendo para mim, e o meu dinheiro também ainda, está comigo, não foi entregue à indústria. Conforme o financiamento, é possível pagar-se a máquina com o próprio trabalho e rendimento dela. Isto é a indústria financiando e cooperando com o desenvolvimento de uma obra religiosa. O contrário, é a obra educacional financiando a indústria e o comércio, funcionando como grande benfeitor da firma comercial.

Há atualmente no Brasil várias organizações financeiras que tomam dinheiro emprestado, de particulares, para aplicação em títulos. O capital arrecadado vem a constituir um condomínio financeiro, e a casa religiosa que empresta seu dinheiro, não fica proprietária de ações desta ou daquela indústria, mas proprietária de um título de condomínio, do montante de todas as ações e títulos que o fundo comum possui. Na América do Norte isto é muito comum, e conhecido sob a denominação de *mutual fund*. Assim como há condomínio de um pedaço de terra, de um edifício, também há condomínio de títulos e de capitais. Quando estes fundos têm boa administração, e seus dirigentes são homens previdentes, honestos, o rendimento é compensador. Há os que pagam 24%, 26%, e até mais, por ano, pelo capital que tomam. As taxas de administração, ou de distribuição, são pesadas, e absorvem boa parte do lucro da aplicação. Deixar o capital nestes fundos por pouco tempo, é prejuízo certo. Mas eles têm, sobre os bancos, a vantagem de pagar legalmente juros mais altos, mais compensadores; e sobre outros tipos de investimento, têm a vantagem de se poderem converter em dinheiro, de novo, a qualquer momento. Os títulos se vendem na bolsa, a qualquer instante, e o dinheiro pode voltar de novo à casa religiosa. O que não aconteceria numa aplicação imobiliária, na construção de uma casa para alugar, por exemplo, porque não se manda o inquilino embora, nem se vende uma casa de uma hora para outra, quando se precisa do capital para solver compromissos urgentes.

Nesta matéria de investimentos e de aplicação de capitais, uma coisa lamentável são as cartas de apresentação e de recomendação, dadas às vezes por autoridades altamente colocadas. Os agentes da firma comercial, de posse destas apresentações, fazem verdadeira pressão sobre os administradores das obras religiosas. Muitas vezes, quem deu a apresentação, não fez com tais indivíduos nenhum negócio, nem fará jamais. A apresentação, em alguns casos, vale muito dinheiro, e foi dada de graça, a trôco de um sorriso e de um muito obrigado, de uma amizade puramente interessada. Mas rende depois milhões para o aumento de capital ou de negócios da organização. Temos visto com frequência estas apresentações dadas pelas Curias Diocesanas, das capitais e do interior. A esta Conferência dos Religiosos, inúmeras solicitações têm sido feitas neste sentido. Nós respondemos sempre que estamos dispostos a dar,

mas que a organização reúna sua diretoria, e faça por escrito um pedido à Diretoria da CRB. Mas que este pedido contenha uma proposta comercial. Se nossa apresentação vai render muito dinheiro para a organização, ou vai canalizar para a mesma muitos negócios das casas religiosas, queremos saber qual é a contra-partida, qual é a vantagem que oferecem em compensação a estas mesmas casas. Até agora, não demos nenhuma apresentação. As condições que redigimos são ótimas para afastar para bem longe os negócios da China excelentes para os outros, e péssimos para nós. Com firmas idôneas, realmente em condições de fornecer em boas condições de preço e de qualidade, os artigos de que temos necessidade em nossas obras, temos firmado muitos convênios, e as economias feitas desta maneira para nossa instituições, têm sido muito grandes. **Gostaríamos que ficasse bem entendido e bem firmado, bem compreendido e bem praticado, uma vez por tôdas, que nenhuma apresentação, de quem quer que seja, tem o mínimo valor, quando se trata de levar o nosso dinheiro para organizações ou para negócios que não conhecemos bem, e que não sindicamos.** Todo negócio, à base de adiantamentos, de dinheiro contado entregue agora, para esperar vantagens futuras, que se prometem muito grandes, é um mau negócio. Quando a esmola é demais, o santo desconfia. Agir imprudentemente nêstes casos, é sem dúvida faltar contra o voto de pobreza. Estamos administrando um dinheiro que não é nosso, que é fruto da caridade dos bons, e que se destina aos pobres, aos órfãos, às vocações.

Uma coisa que os administradores religiosos ainda não aprenderam, é a compra de máquinas, equipamentos, e móveis, a prestações. Já entrou em nossos hábitos e costumes a compra de casas e terrenos a prestações, financiados. E nisto, queremos sempre os prazos mais longos possíveis, 5, 10, 15 anos. Também é de nossos hábitos administrativos tomar dinheiro emprestado, da Caixa Econômica, com prazos de 10 a 15 anos. Mas ficar devendo a máquina da secretaria, as carteiras da sala de aula, ou o "jeep", a isto ainda não estamos acostumados. Nós preferimos trabalhar anos a fio, economizando um pouquinho por mês, para depois pagarmos de uma vez. Estamos convencidos de que todo pagamento a prestações encarece o preço da máquina, com os juros.

De fato, quem pode comprar à vista, compra sempre melhor. Pelo menos não paga juros, que, quando baratos, se calculam a 1% ao mês, sobre o resto devedor. Mas nem sempre a casa pode dispor de uma só vez, de quinhentos contos para pagar os móveis, a fim de que as aulas comecem logo no colégio recém-construído. Ou não dispõe do numerário para pagar de uma só vez o "jeep", o raio-X, ou outro equipamento mais caro. Mas podemos dispor de uma prestação mensal razoável, que nos permitirá adquirir os instrumentos necessários ao nosso trabalho. Recentemente veio às nossas mãos um caso muito expressivo, e o caríssimo colega não se zangará, por certo, se eu citar textualmente a carta que me escreveu. Repetidamente um pároco do interior nos consultou sobre a compra de um "jeep". Depois da consulta, a compra não se realizava, sem mais explicações. Agora nos chegou uma carta, do seguinte teor: "Volto ao assunto pela última vez. Quando dispunha de Cr\$

250.000,00, o "jeep" custava Cr\$ 300.000,00. Quando arranjei os Cr\$ 300.000,00, o "jeep" passou para Cr\$ 350.000,00. Agora que disponho dos Cr\$ 350.000,00, passou para Cr\$ 385.000,00. Por isto digo que será a última. Disponho de Cr\$ 350.000,00, porém o "jeep" já subiu. Será que ha possibilidade de adquirir um "jeep", modelo 1959, com entrada de trezentos contos, para pagar o restante em 60 dias?". Nosso caríssimo cliente não refletiu que estamos em período de ativa e crescente inflação. Não foi o "jeep" que subiu de preço. Foi o cruzeiro que diminuiu de valor, em comparação com o "jeep" cu o dólar. No fim, dirá êle, é a mesma coisa, Sim, o resultado final é o mesmo. Mas êle, como administrador previdente, não deveria ter ficado com o dinheiro, que é mercadoria ruim, mas sim com o "jeep", que é mercadoria boa. Um desce, outro sobe. Eu preferiria ficar com o que sobe e valoriza, e não com o outro. Como proceder? Dar a entrada inicial, e ir pagando o restante em prestações. Lucraria êle. As prestações, uma vez contratadas, não mudam de valor. Mas o "jeep", iria valorizando cada vez mais. Se êle, ao contrário, continuar com os mesmos critérios antigos de administração, é bem possível que, quando dispuser de Cr\$ 385.000,00, o "jeep" já esteja custando Cr\$ 400.000,00.

Em períodos normais, de estabilização da moeda, não é conveniente comprar a prestações. Em períodos de inflação, a boa administração manda que não se parem às obras, que não se diminua o ritmo normal de trabalho, por falta de equipamentos ou instrumentos. Pelo contrário. E o recurso, são as compras financiadas, ou a prestações, sempre que se pode encontrar o crédito. Naturalmente que é preciso prudência para se comprar a prestações. E' necessário, antes de mais nada, que se compre uma mercadoria boa, útil, necessária, que traga rendas, ou preste mais serviços em casa. Se comprarmos um artigo voluptuário, dispensável, estamos trazendo a chaga da inflação para dentro de nossa casa. E' preciso que haja entradas regulares para cobrir as prestações contratadas. Que a obra esteja bem organizada e administrada. O crédito é sempre uma faca de dois gumes. Pode conduzir-nos ao desenvolvimento e à ampliação, como pode nos levar à falência. Tudo depende do critério e prudência de quem o utiliza.

Vamos formular, à guisa de conclusões, os princípios que desenvolvemos.

a — E' indispensável que as Províncias Religiosas enviem pessoal às escolas de administração. Para o cargo de ecônomo, necessitamos de homens preparados, não só em contabilidade, mas sobretudo em administração. São duas coisas diferentes, e se aprendem em escolas diferentes. Não bastam os dotes naturais ou inclinação. E' um administrador perigoso, aquêle que confia apenas na sua intuição e no seu jeito para negócios.

b — A administração de nossas casas não se isola da situação geral da região ou da Nação. Não existem ilhas humanas, como as ilhas geográficas. As medidas e os critérios a adotar em período normal de estabilidade da moeda, são de uma escala; em período inflacionário, são de outra.

c — Devemos proceder a uma revisão de critérios na política de nossos depósitos bancários. Conduzí-los para bancos que nos ajudam e

cooperam com o desenvolvimento de nossas obras. Dos religiosos para os Religiosos. Na união, tôdas as vantagens.

d — Esta nova política de depósitos bancários pode nos conduzir à solução do problema de crédito, em condições de preço e de prazo razoáveis, para construção e equipamento de nossas obras. Bastaria a instituição de uma conta corrente comum, em um dos dois bancos, em nome da organização central dos religiosos, ficando os depósitos de cada casa religiosa como sub-conta. Cada um individualmente poderá sacar até o limite do seu próprio depósito. E a organização central poderá sacar, à conta dos fundos comuns, até o limite previamente estipulado com o banco que aceitasse este plano de colaboração,

e — A circulação de capital entre nós, só poderá ser uma feliz realidade, quando estivermos dispostos a reajustar nossos critérios e princípios administrativos. Quem toma dinheiro, deve estar disposto a pagar pelo capital o que êle realmente vale. Não há de pagar menos, somente pelo fato de estar tomando de religiosos.

f — Em período de inflação, é contra-indicado manter qualquer importância congelada em depósitos bancários a prazo fixo, ou em apólices de rendimento normal. Isto é bom para os outros, não para o dono do dinheiro, que desvaloriza continuamente. Os critérios de aplicação dos dotes, onde êles existem, devem ser revistos, se necessário, com as licenças superiores.

g — Não entreguemos nosso capital, nossas poucas economias, nas mãos de terceiros, de organizações comerciais, industriais, ou bancárias, sem um exame cauteloso de todos os dados. Nenhuma apresentação vale, seja de quem fôr, quando se trata de levar o dinheiro que a Providência Divina nos mandou para os órfãos ou para as vocações.

h — As compras a prestações, não só de terrenos, ou nas construções, quando feitas com ponderação, são o remédio que corrige em parte os males da inflação, para não paralisar a renovação e ampliação de nossas obras. Dívida é um débito para o qual não temos cobertura regular e certa. Financiamento, é um débito para o qual temos esta cobertura. O princípio a aplicar é este: dívidas, o menos possível. Financiamentos, o mais possível. O BOM administrador guarda mercadoria boa, e passa adiante a mercadoria ruim.

EXPRESSÕES E IMPRESSÕES

Marcos de Lima, SDB
S., Paulo

Minha sogra! Ridículo gracejo. **Minha mulher!** Irreverente referência ao breviário sacerdotal. Sem mais comentários porque são gestos que só se comentam com a piedade, o silêncio, ou às vezes, com a tortura de um sorriso. Ademais as coisas são vistas conforme o que somos. E não se vê senão o que se merece ver. Vi e ouvi. E a consciência anotou profundamente, decidindo em meu ser uma atitude sincera e definida.

Dizem que o fervor do Subdiácono se compara a **uma lua de mel**. E' para êle escuro e vazio o dia que começa sem o seu breviário. O Breviário é para o jovem subdiácono uma claridade que rompe caminho. O livro que contém palavras que lhe repousam a alma. Uma luz matutina. Luz ... porque vem do céu. Matutina porque alumia, cada dia, sua jornada, desde a manhã. Que o digam todos que por êle já passamos.

Mas dura pouco êste fervor — fervor de sentimento — porque quase sempre fruto de insegurança espiritual. Falta de solidez na piedade. Automatismo piedoso. E a lei do automatismo é o desgaste gradativo na medida da falta de energia interior. Um dia se anula.

A seguir: a repetição... as obras do ministério... o cansaço. Desaparece o elemento novidade, sedutor estímulo dos jovens. Aparecem as duras realidades: visitas, conferências, reuniões, cerimônias, responsabilidades e iniciativas litúrgicas, familiares, sociais e financeiras. Sua vida está picada. E ainda o breviário. Ah! **Opus Dei, Onus Dei!** E' a conclusão do jovem levita perdido no tempo e nas suas preocupações. Mas afinal reza. E' útil rezar mesmo quando não pensamos certo porque Deus acerta nosso pensamento, com um minuto passado sinceramente com êle.

O Breviário torna-se um dever importante. Uma voz incômoda que se levanta no seu íntimo. Ainda bem. Enorme êste benefício, o de inquietar. Ser ministro de desassossêgo. Dispensador de aquêle tormento de infinito que deve dilacerar tôda alma sacerdotal. Sua revolta é a insurreição de deveres esquecidos. A ordem que perturba é a calma aparente que encobre infidelidades e apatias que conduzem à tibieza e à moleza do espírito.

Êste é o perigo mais terrível de nossa época: em lugar da morte espiritual que assusta, a insensibilidade da vítima que temporiza.

Duros — porisso mesmo belos — êstes anos de juventude sacer-

dotal. Emaranhada em geral, na heresia vulgar de trabalhar sem orar. Suas faculdades estão sangrando o veneno da atividade incontrolada, mas o jovem levita vai vivendo cheio do próprio vazio. No desfilar de suas fadigas diárias, vai servindo a Deus à prestação, esquecendo-se de que só Deus incrementa toda obra; esquecendo-se de que o seu breviário, a sua oração, é a armadura de Deus para resistir às maquinações do mundo e ficar senhor do próprio campo.

A vida do padre não pode se realizar só através da ação apostólica. Ela se realiza quando o padre se deixa impressionar pela vida mesma de Deus, de Cristo e de sua Igreja.

Nesta azáfama, não há tempo para as coisas essenciais, quando a vida do Padre só deveria ter tempo para a eternidade, isto é, para o essencial. Os conceitos de seu breviário não são produtos meramente humanos. Têm um valor eterno porque procedem da sabedoria da Igreja. Emanam da revelação de Cristo. Estas orações e esta salmodia nos lábios de um jovem subdiácono apresentam a perenidade de vinte séculos; e na voz cansada de um ancião possuem o sabor de renovada atualidade.

E o sentido do latim? Nem se pesca. Talvez pressa, talvez... ignorância? Não, dificuldades graves embaraçam a inteligência dos salmos. Épocas remotas. Vida e região, costumes e cultura muito diversos dos nossos. Dai principalmente o pouco entendimento dos salmos e da sua teologia. E a conseqüente pouquidão de influência na vida. A tudo afinal parece contradizer o Opus Dei. Cuidado meu amigo, há perigo nesta descida lenta e dissimulada.

A vida nos vem revelando que fraqueza conceitual conduz a grande pobreza interior. Sem um aprofundamento dos princípios faltará solidez nas conclusões e serão tristes aventuras as suas aplicações. Há muita fome matando o corpo, maior porém, é a miséria que perde as almas. E o tempo não cria o padre, somente o revela.

A seguir cai a neve sobre os cabelos do ex-jovem levita. E então a presença de sua sombra, vestida de preto e de ouro, torna-se confortante. Necessária mesmo, porque se os homens nos consolam como podem, só Deus nos alivia como deve.

Há neste momento sincera afeição no ósculo que finaliza sua oração. Então se convence que certas coisas não estavam de acordo com a oração. Descobre razões que outrora nem suspeitava. Compreende-se afinal, que é algo irreverente, pretender rezar durante a transmissão de futebol ou um boletim de notícias. Mesmo uma música suave, um longínquo fundo musical, exige alguma atenção e prejudica a aproximação de Deus.

— Ah! mas isto é pouco!

— Não, meu amigo! Viver deste modo de pensar é tornar-se arauto da rotina. É aumentar a fila da mediocridade. Nivelar-se à vulgaridade. E a Igreja não o considera pouco. Homem de Deus, o padre deve aplicar-se ao conhecimento das aspirações mesmas da Igreja. É a docilidade à Igreja que o tornará efetivo nos pensamentos e no agir. Passe então suas crenças íntimas e sua piedade pelo joerador romano. E seja você

mesmo o juiz. E não sofra o pesadelo desta nonada. Já são tantas as imperfeições que vêm embaciar o lustre de nossas obras!

O ex-jovem levita progride como o sol em seu percurso. E' a lei da vida consciente e sacerdotal. Como a do padre. Impôs agora a si mesmo a obrigação de terminar o Ofício antes do fim da tarde. Haverá circunstâncias que exigirão novo afastamento. Afinal a vida tem sempre algo de imprevisível. Mas há uma regra. Pode haver alguma exceção. E' uma volta consciente aos primeiros fervores do sacerdócio, quando a vida era solar e cantante. E' a nostalgia de uma oferta total e de um dom absoluto de si mesmo.

Por fim chega o dia em que o sacerdote não pode ler mais. Caminha agora na fraqueza da velhice, sôbre as linhas de fôrça que armazenou na récita de seu breviário, e sôbre os ramos da graça que o Espírito lhe sugere.

O breviário não pode ser mais rezado. Que surdo sofrimento. Jaz mudo ao lado da cama. A sua presença entretanto, é ruidosa para o velhinho. Ele envia uma mensagem que só o coração sacerdotal pode captar: as grandes atrações de sua vida. Recorda-lhe dias de primavera nos quais ambos se alegraram de viver: "exultate justi in Domino". Lembra-lhe dias de penitência: "infirmata est in paupertate virtus mea" vibra o peito de gratidão: "gratias agite Domino quia bonus; in aeternum misericordia ejus".

E o padre vai se recordando... E se rejuvenece. Recordar é viver. E não se contém. E responde ao mundo interlocutor com um grito de sublime confiança: *ego autem in Domino speravi. Exultabo et laetabor in misericordia ejus.* Esperanças que afagam a alma, quando já sopram as brisas do ocaso da vida. Consolidação e coragem ao mesmo tempo. Delicadezas, que nos comovem, dos planos de Deus.

Veio o fim. O destino a que ninguém pode fugir. Também as madrugadas de sol conheceram o seu crepúsculo. E o padre descansa para sempre. Nenhum vestido de viúva, é tão chocante como as páginas amareladas e gastas de um breviário.

Ele tem o aspecto maravilhoso de uma missão nobremente executada. Ele atesta a sabedoria de quem soube escutar as exigências de Deus e das almas e conservar o espírito voltado para os mais amplos horizontes de perfeição. Ele fala de uma oração longa e contínua. De um impressionante diálogo de Deus com o Padre. Seu dorso velho e gasto proclama a autenticidade de aquela alma sacerdotal.

Meu amigo, um dia, quando tôdas as prendas forem recolhidas; quando se souber ao certo, o pêso de cada coisa, poder-se-á fazer a história de cada breviário. Histórias variadíssimas. Mas histórias que só o coração sacerdotal e Deus saberão contar, porque segredos:

- de uma ordem cívica,
- de uma missão oficial,
- de um ministério eminente

da cidade dos homens nas suas relações com Deus. E nisto está a única glória que fica, eleva, honra e consola.

CASOS PRÁTICOS SÔBRE O DIREITO DAS RELIGIOSAS

Pe. Frei Rafael de União dos Palmares OFM Cap.

Caso II — A PRESIDÊNCIA DO CAPÍTULO GERAL DAS CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS DE DIREITO DIOCESANO

Uma determinada Congregação de direito diocesano se desenvolvia com muita florescência e já se difundira por várias Dioceses.

Foi o Arcebispo de Recife quem, com a licença da Santa Sé, a aprovou juridicamente, passando-a de Pia Sociedade para uma Congregação Religiosa "ad normam iuris".

A Casa principal desta Congregação estava justamente em Recife. Chegara o tempo da eleição da Madre Geral.

O Arcebispo de Recife estava ausente, na Europa.

A Madre Geral lhe escreve uma carta, comunicando que iria realizar-se a eleição da Madre Geral e que êle delegasse alguém para presidir à eleição.

O Arcebispo escreve ao Padre Macário, delegando-o para presidir ao Capítulo da referida Congregação.

Houve, porém, um contratempo e a Madre Geral com o seu Conselho deliberaram que o Capítulo se realizasse em Maceió e as vogais se dirigissem para esta localidade na data fixada na Carta Circular.

Comunicaram também ao Padre Macário, delegado do Arcebispo, a mudança do local para a eleição.

No dia determinado, já todos se encontravam em Maceió: as Irmãs e o Padre Macário.

Efetou-se a eleição, sendo eleita Madre Geral, por unanimidade de votos, a Irmã Júlia.

O Padre Macário ficou muito satisfeito com a eleição e a confirmou plenamente.

A Madre Júlia começou, então, com muito fervor a desempenhar o seu cargo de Madre Geral da Congregação.

Pergunta-se

- 1. Que estabelece o Direito Canônico sôbre a presidência do Capítulo Geral das Congregações Religiosas de direito diocesano e pontifício?*
- 2. Houve alguma irregularidade no referido caso?*
- 3. Em caso afirmativo, como se deveria remediar a situação?*

I. Que estabelece o Direito Canônico sobre a presidência do Capítulo Geral das Congregações Religiosas de direito diocesano e pontifício?

O Código de Direito Canônico, nos cânones 160-182, traz as normas comuns a serem observadas nas eleições eclesiásticas em geral e que, juntamente com as prescrições do direito particular não contrárias ao mesmo Código, se devem urgir nas eleições das diversas Congregações.

Referindo-se precisamente à presidência do Capítulo Geral, o Código de Direito Canônico estabelece o seguinte:

“Cânon 506, § 4. — Nas Congregações femininas o **Ordinário do lugar em que se faz a eleição**, pessoalmente ou por outrem, **presida a eleição da Superiora Geral**; tratando-se de Congregações de direito diocesano é ao Ordinário do lugar ou de seu legítimo delegado, que, conforme os ditames da consciência, compete o direito exclusivo de confirmar ou rejeitar a eleição efetuada”.

Desta prescrição jurídica, decorre o seguinte:

a) Para a eleição da Madre Geral de sua Congregação, quer de direito diocesano, quer de direito pontifício, é necessária a presença do Ordinário do lugar em que se celebra o Capítulo Geral ou, então, de um seu legítimo delegado.

b) Houve uma correção do direito precodicial. Na Constituição de Leão XIII *Condite a Christo* do dia 8 de dezembro de 1900, prescrevia-se ao Ordinário do lugar de presidir ao Capítulo, mas “*tamquam Sedis Apostolicæ delegatus*”, como delegado pela Santa Sé. Hoje, não; preside pelo seu próprio ofício, como Ordinário. A Ele compete a verdadeira e eficaz direção do Capítulo e juridicamente, segundo as normas do direito.

c) A presença do Ordinário do lugar ou de um seu legítimo delegado, conforme o direito canônico, é exigida somente na eleição da Madre Geral. O direito consuetudinário ou as Constituições das diversas Congregações podem fixar a presença do Ordinário ou de um seu legítimo delegado também para os Ofício Maiores: Conselheiras Gerais, Secretária Geral, Econômica Geral, etc...

d) Pouco tempo depois da promulgação do Código do Direito Canônico, os autores interrogavam e questionavam sobre quem deveria presidir ao Capítulo de uma Congregação de direito diocesano espalhada por várias Dioceses, — se o Ordinário da Casa Principal ou o Ordinário do lugar, em que se realiza a eleição.

A dúvida foi levada à S. C. dos Religiosos, que a resolveu definitivamente. Bento XV aprovou esta decisão e foi promulgada no dia 2 de julho de 1921:

“Numa Congregação de direito diocesano com sede em várias Dioceses, — é ao **Ordinário do lugar onde está a casa principal** que compete presidir à eleição da Madre Geral e de a confirmar ou rejeitar — ou ao **Ordinário do lugar, em que se realiza a eleição?**”

A resposta foi: **“NEGATIVE ad primam partem: AFFIRMATIVE ad secundam”**. **Negative ad primam partem**: não é ao Ordinário da casa principal da Congregação de direito diocesano, que compete sempre presidir ao Capítulo. **Afirmative ad secundam**: mas ao Ordinário do lugar, em que se realiza a eleição.

O Ordinário da casa principal, por si, em virtude da própria autoridade não pode revogar para si maiores direitos que os outros Ordinários; pois, neste ponto, todos os Ordinários têm igual direito. Uma Congregação de direito diocesano, embora se espalhe por várias Dioceses, **permanece diocesana**, sujeita plenamente à jurisdição dos Ordinários. É o que prescreve o cânon, 492, § 2: “A Congregação de direito diocesano, embora espalhada por várias Dioceses, enquanto não obtiver a aprovação pontifícia ou o Decreto de louvor, permanece diocesana plenamente sujeita, conforme o direito, à jurisdição dos Ordinários.

Coerente consigo mesmo, ou melhor, aplicando o cânon 492, § 2 ao Cânon 506 § 4, é que o Código de Direito Canônico reserva ao Ordinário do lugar em que se celebra o Capítulo Geral o direito exclusivo de o assistir **juridicamente** por si ou por um seu legítimo delegado.

e) A confirmação ou a desaprovação da eleição, da parte do Ordinário competente, não se fará arbitrariamente, mas segundo os ditames da consciência. Assim, o Ordinário não poderia rejeitar uma candidata que julgasse idônea e cuja eleição foi realizada segundo as normas do direito (cfr. cânon 177, § 2).

f) Quanto às Congregações de direito pontifício, a Constituição **Conditae a Christo** já determinara com clareza e a legislação atual o confirma: que o direito de presidir ao Capítulo pertence ao Ordinário do lugar, em cuja Diocese se realiza a eleição.

g) Há, porém, aqui algo importante a notar-se: O Ordinário do lugar, onde se realiza a eleição da Madre Geral de uma Congregação de **direito diocesano**, tem o direito de **confirmar** ou **rejeitar** a eleição; ao passo que, tratando-se de uma Congregação de **direito pontifício**, ao Ordinário do lugar, que preside ao Capítulo, compete apenas **proclamar a eleita**, quando a votação se efetuou conforme as normas do direito. — Esta proclamação da parte do presidente do Capítulo é obrigatória. Diz o cânon 174, § 1, n.º 4: “Considera-se eleito, e seja proclamado pelo presidente, o que conseguir o número de votos exigido conforme o cânon 101, § 1, n.º 1”. — Não é, porém **ad essentialiam electionis**; portanto, se se omitisse, não seria nula a eleição.

O que se disse do Ordinário, diga-se do seu legítimo delegado.

2. Houve alguma irregularidade no referido caso?

Sim. Irregularidade, que tornou inválida a eleição da Irmã Júlia para Madre Geral da referida Congregação.

Tendo-se escolhido outro local para o Capítulo, numa Casa Religiosa situada em outra Diocese, cessou o direito de presidência do Arcebispo de Recife, como também do seu legítimo delegado, passando então o direito de presidência para o Ordinário do lugar, em que vai

realizar-se o Capítulo.

Portanto, o Padre Macário, delegado pelo Arcebispo do Recife, estava, no presente caso, destituído de todo o poder jurídico para presidir ao Capítulo em Maceió. A eleição da Irmã Júlia fôra nula.

3. Em caso afirmativo, como se deveria remediar a situação?

Há dois caminhos para se remediar ao caso: 1) ou convocar-se novamente o Capítulo como de início, comunicando a realização do Capítulo ao Ordinário de Maceió, para que êle ou um seu legítimo delegado presida à eleição; 2) ou então, não sendo mais oportuna ou conveniente a primeira decisão, pedir ao Dicastério Romano competente a *sanatio in radice*: a sanção em raiz para a eleição da Madre Júlia e dos atos por ela efetuados e que precisem de uma revalidação.



14.º SEMANA DE ESTUDO de CANTO GREGORIANO

(DE 16 a 26 DE JULHO DE 1959)

(CURSOS: 1.º, 2.º e 3.º ANO DE CANTO GREGORIANO,
REGÊNCIA, INTERPRETAÇÃO PALEOGRAFICA, ENSAIOS)

DIRIGIDA PELO

INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO

(FILIAL DO INSTITUTO GREGORIANO DE PARIS)

LOCAL: DISTRITO FEDERAL — COLÉGIO DE SION — RUA COSME VELHO, 98

INSCRIÇÕES: ATÉ 1.º DE JULHO PRÓXIMO

INFORMAÇÕES: à Rua Real Grandeza, 108 — Botafogo
INSTITUTO PIO X — * — Telefones: 26-1822 e 26-5224

BEMAVENTURADA HELENA GUERRA, APÓSTOLA DO ESPÍRITO SANTO

Beatificada a 26 de abril de 1959

por uma Oblata do Espírito Santo

Glória do sábado de aleluja em 1914: morre esquecida e humilhada a fundadora de uma Congregação religiosa à qual o Espírito Santo destinou uma tarefa específica no mundo da cultura.

Festa da primavera italiana, 55 anos depois: a Igreja proclama ao mundo católico a eterna bemaventurança da corajosa mulher, cuja ânsia de infinito não foi entregue a criaturas que passam, mas à sabedoria imperecível do Espírito Santo, que a objetivou numa Congregação religiosa.

Sua vida

Helena Guerra nasceu, foi educada, trabalhou e repousa em Lucca (Itália), onde construiu os alicerces custosos e amargurados de sua ação nos séculos futuros. Sua fundação foi alimentada de contradições. Viveu, olhos abertos nos horizontes da história, o drama político-religioso da Itália no século passado. Derramou a mãos cheias, nos meios católicos, os tesouros de sabedoria e de graça que Deus lhe tinha concedido, antecipando, sob muitos aspectos, as técnicas atuais da Ação católica. Atingiu os descrentes e indiferentes pela palavra impressa; foi amiga e mãe amorosíssima de jovens e velhos, alunos, espôsos, irmãos, sacerdotes, emigrantes, missionários, estudantes. Viveu até ao arroubamento o apêlo do Salmo: "A vida do mundo depende da presença do Divino Espírito" (104/103). Sentiu a necessidade e a perpetuidade da ação do Espírito Santo no esforço diário do filho do pecado que procura o céu. Viu claramente e apreciou com inteligência a participação do Espírito Criador em tudo o que na terra produziu a beleza.

Descobrimos, folheando as velhas páginas de seus livros ascéticos, a noção completa, exata e amorosa da multiforme atividade do Espírito de Deus. Seus primeiros anseios de apostolado esbarraram na tibieza hostil e na fraqueza do mundo. Aumentando suas noções culturais e sua zona de experiência, percebeu que as resistências contra o Espírito de Deus são generalizadas entre os homens. Faltava um ensino apostólico específico sobre o Espírito Santo. Pensou no Papa, único Sêr na terra

cuja voz tem poder católico, porque sua autoridade não conhece fronteiras. Formulou o plano de Lhe escrever, de Lhe falar. Disseram-lhe que era ousada. Esperou, mas não renunciou à idéia. Quando suas primeiras cartas conseguiram o Breve, como efficacíssima resposta, sentia que essa correspondência epistolar com o Chefe da Cristandade era uma coisa muito natural, e a continuou, com a confiança de uma filha e a humildade de uma santa.

A devoção ao Espírito Santo, tão fundamental na Igreja primitiva, que enche de luz as páginas dos atos dos apóstolos, perdera-se e diluíra-se na Igreja moderna, sobretudo depois das vicissitudes da Contrarreforma católica, que por necessidades históricas tinha concentrado a atenção dos teólogos e a prática dos ministros em outros aspectos da doutrina, especialmente sobre a moral. O Breve pontifício não encontrou ressonância entre o Cléro e os fiéis; Helena Guerra continuou a insistir. Vieram a Encíclica "Divinum illud munus" e depois a carta pastoral que a comentava e a projetava convenientemente. Era o máximo a que humanamente se podia chegar, assim como um vento inesperado que agitasse as águas. Depois, tudo retornava normal. Helena Guerra realizou o essencial de sua específica missão pelas declarações oficiais da Igreja, mas não viu realizado socialmente, na base, o seu desejo doutrinariamente certo, historicamente oportuno, terno e constantemente acariciado. Os anos passaram. Morreu o grande Leão XIII, morreu também a apóstola do Espírito Santo, mas a voz deles ainda ressoa nos ensinamentos imortais e infalíveis e pelo espírito de uma Congregação religiosa. Helena Guerra encerrou a existência mortificada e laboriosa na humilhação: calúnias e incompreensões provocaram a sua deposição; viveu solitária e desprezada os últimos sete anos de sua vida. Morreu num sábado de aleluja, reafirmando moribunda, no concôrto dos sinos festivos, o lema de sua existência: "Credo, credo, credo!".

Seu Ideal

Helena Guerra tinha um temperamento exuberante, exteriormente disciplinado que se não cristalizou em formas e, sim, perseguiu constantemente na terra tudo que tivesse sabor de universalidade. Daí os caracteres fundamentais da espiritualidade e das obras: **amor à Igreja**, tecido de posições definidas, capaz de distinguir o histórico do eterno, que se expressou numa fidelidade heróica; **amor à cultura**, prisma universal refrangente de todos os aspectos da vida e do pensamento, que preludia a universalidade e a eternidade de Deus; **amor às almas** que ela procurou nas escolas e nas salas da ciência, nas assembléias da sabedoria e em todos os campos da luta ideológica, como também nas terras de missão onde a fé ainda não abriu seus roteiros; **amor ao Amor**, cujos gemidos inenarráveis a vida inteira ela ouviu; conhecia o prisioneiro na pequena alma do homem e procurou incansavelmente nos corações a pequena chama escondida... queria com ela incendiar o mundo.

O amor à Igreja, que acompanhou seus passos de fundadora, coroou sua vida mortal no martírio da deposição. Constitui hoje o testemunho da

heroicidade de suas virtudes.

O amor a cultura, que a guiou nas complicadas veredas da vida intelectual, definiu-se em posições inequívocas mas serenas, numa época atormentada de polémicas e intolerâncias, qual foi o clima histórico cultural da Itália no século passado. Constitui hoje a fisionomia humana de sua herança ao mundo na Congregação por ela fundada.

O amor às almas se objetivou sobretudo na obra prima de sua atividade, que foi a educação da mocidade. Na confusão geral das idéias, que caracterizou o período de transição em que Helena Guerra viveu, surgiu em suas mãos um tipo de escola que esclarecia posições e fixava finalidades. Embora conhecesse filosofia e pedagogia, não obstante tivesse noção muito clara da função social e histórica de sua escola, foi um puro impulso de amor que a moveu a agir. Amor ao Cristo desprezado e insultado cuja imagem se procurava apagar no coração da mocidade. Amor às almas que, extinta a centelha divina, erram sem paz entre os espinhos da terra. Construiu a escola entre infinitas contradições, estimulada pela fé, com uma perseverança pouco comum em uma mulher. As oposições surgiam da novidade e originalidade de seus métodos, compreendidos por pouquíssimos amigos, inteligentes e espirituais, e pelos mesmos chamada "maravilha cristã". O seu apostolado educacional corresponde hoje a uma profunda exigência do mundo moderno. Há uma fratura na personalidade de muitos cristãos, que em tôdas as épocas tem sido causa de crise; manifesta-se na mentalidade dos dois mundos e das duas verdades: de um lado, a vida intelectual, social e política, do outro, a intimidade religiosa. Existe um tipo de educação católica que infelizmente facilita a formação desta mentalidade. O apostolado educacional de Helena Guerra foi espontâneo e intrinsecamente orientado na correção dêsse engano pela ação em suas raízes. Resume-se na formação de personalidades cristãs unitárias, para as quais todos os problemas do corpo e do espírito são vividos com intensidade de interêsse e adesão à época, resolvidos aos pés do Cristo encarnado na história.

O amor ao Amor criou na mente e no coração da Apóstola do Espírito Santo a grande mensagem que leva o homem a se descobrir em suas dimensões infinitas: a vida mística não é privilégio de contemplativos, sim o chamado de tôda criatura. Os segredos maravilhosos da intimidade divina são partidos como o pão de cada dia a todos os homens, sem distinção de raças, fronteiras, diferenças sociais.

Sua obra

A Congregação que Helena Guerra fundou é a objetivação do eterno e harmônico desenvolvimento de sua ânsia de infinito, entregue não a criaturas que passam mas à Sabedoria imperecível do Espírito Santo. Os heróicos sonhos missionários da adolescência se transformaram, nos anos da juventude, em um único desejo de dedicação, cuja expressão mais fiel era o ideal da perpétua adoração silenciosa do claustro. Mas ainda não se firmara decididamente. Só uma idéia tinha clara na mente, possuída pelo Espírito Santo: queria fazer algo de grande para Deus.

E Deus fez sair de suas mãos uma Congregação religiosa. Homens doutos e santos foram inconscientes instrumentos de contradição. Helena, psicológicamente incerta, mas firmíssima na fé, superou-os com caridade e firmeza, e concretizou a obra de Deus. Somente quando as provocações se acumulavam, ela temia não o juízo dos homens mas o freio de Deus. Parava medindo os abismos de sua alma, para discernir as miragens do orgulho. Deus não quis que ela entrasse em uma Congregação já existente, não permitiu que fundisse sua obra nascente com outras. Orientou a fundação na cidade de Lucca, com fisionomia fortemente definida. O grande Don Bosco, com o qual se encontrou numa hora de trevas, pedindo para ser admitida entre as filhas de Maria Auxiliadora, respondeu-lhe que sua personalidade era original e marcante demais para dispensar uma expressão absolutamente própria. Helena amadureceu o desígnio de Deus no segrêdo do coração ferido e contrariado. As exigências da vida monástica da Fundadora se transmitiram com as constituições e a lição viva do exemplo no espírito de suas filhas. Por força da vocação específica as Oblatas deo Espírito Santo devem cultivar: profundo espírito interior de união com Deus, pouco contradição na congregações de vida mista; espírito de oração; completo despreendimento e dedicação total, que deve alcançar as alturas da vida mística **não nas manifestações, mas na substância**. A oblata que não se esforça por realizar esta união com Deus na oração e no perfeito desapêgo, é infiel à sua vocação específica. A intimidade do rei se alia uma intensa vida ativa, cuja nota saliente é o contacto com os tempos, que se manifesta na receptividade intelectual, desenvolvimento da simplicidade de convivência, estudo afetuoso e contínuo dos problemas do mundo contemporâneo, agilidade nas relações sociais. A "maravilha cristã" está em saber harmonizar, sem grandes discordâncias, os dois elementos, interioridade e atividade. Na concorrência dos dois mundos se enxerta a profunda razão sobrenatural, psicológica e lógica da devoção ao Espírito Santo. O amor eterno que tudo contém e em tudo deixa a sua marca, cava abismos de solidão na alma, e quando nela pode triunfar, eleva-a às alturas da vida unitiva. Ao mesmo tempo êsse Amor eterno esclarece as inteligências, purifica os corações, forma as consciências, como é o Grande Mestre de quem o educador terreno deve seguir, com ansiosa docilidade, os passos de gigante. A padroeira das Oblatas é a humilde Santa Zita, a póbrega empregada que escondeu sob as véstes grosseiras a delicadeza de um coração amantíssimo. Lição inesquecível de humildade, que Helena Guerra quis deixar a suas filhas, para confirmá-las na serena e profunda consciência da vaidade de tôdas as coisas que o mundo honra e deseja. Helena Guerra foi uma novidade revolucionária para o seu tempo, expoente daquela revolução que nasce da novidade eterna das palavras vivas de Cristo, daquele olhar para os séculos futuros, daquele amor que operaria e sofreria nos homens, para quem traçara um caminho. Nos horizontes da história em contínua mutação se fixam bem abertos os olhos do Espírito das irmãs Oblatas. Não temem as mudanças, favorecem os processos transformadores, acompanham com o coração firme em Deus a marcha segura da Santa Madre Igreja. A vida de sua grande

fundadora é manancial inesgotável de ensinamentos: sólida formação litúrgica, que exclue as devoções não essenciais, e espírito de autonomia, que dirige os combates da vida e orienta nos labirintos da alma sem exigências minuciosas de complicadas direções espirituais. A espiritualidade da Congregação de Helena Guerra apresenta no seu conjunto um caráter profundamente missionário. É a resposta às exigências de expansão da grande alma da fundadora, à insuficiência que a atormentava entre as barreiras geográficas e históricas, ao isolamento que a mentalidade contemporânea construía à sua volta. Mas, aquêlé doloroso — Não me basta! — soluço do coração da Madre, dá à palavra missão o sentido mais universal possível. Cada Oblata a interpreta como conquista de almas, não somente nas solidões das terras selvagens, como também nas planícies asfaltadas das grandes cidades, no deserto dos corações que batem sem paz em pleno florescer de cultura e civilização.

* * *

Fundar na Igreja uma Congregação religiosa é das maiores obras que uma criatura humana pode realizar, pois significa desencadear uma perpetuidade de vida que desafia os séculos. A realização de tal obra acalmou o coração angustiado de Helena Guerra. A tranqüilidade não se ligava à consolidação do edifício, mas à qualidade do espírito que nêle gravara. Espírito que estenderia tempo e espaço, que ocuparia vazios, que repararia insuficiências, que apagaria desejos. Helena sentiu que lhe chegava a hora do descaso, quando a Congregação se tornou garantia de zelo pela devoção ao Espírito Santo. Na verdade, somente assim seu grande espírito podia se aquietar.

As Oblatas do Espírito Santo chegaram ao Brasil em 1950. Trabalham atualmente no Sul de Minas (Cássia, Poços de Caldas e Cabo Verde), em Belo Horizonte e São Paulo. A Congregação está espalhada em Itália, Canadá, Filipinas, Pérsia, Líbano e Turquia.

VIGÁRIOS PAROQUIAIS EM PARÓQUIA CONFIADA A RELIGIOSOS

Consulta: "Numa paróquia, entregue provisoriamente a uma Congregação Religiosa pela Diocese, trabalham três sacerdotes, um como vigário, os outros como cooperadores. A paróquia está pagando a manutenção do Vigário, mas não a dos dois cooperadores, que está sendo feita pela Congregação. Logicamente, a paróquia deveria pagar tudo. Como? Quais são as disposições canônicas a respeito? Como deve ser feita a escrituração ou os assentamentos da paróquia, que o Bispo fiscaliza e verifica, para fazer aparecer este onus ou encargo que é da Paróquia e não da Casa Religiosa? A Paróquia está atualmente deduzindo de todas as entradas, Cr\$ 3.000,00 mensais como honorário do Vigário. Tudo o mais é enviado à Cúria Diocesana, por exigência do Bispo. Como proceder para regularizar esta situação?"

* * *

Trata-se de uma paróquia entregue provisoriamente a uma Congregação Religiosa, na qual trabalham três sacerdotes, — um como Vigário e outros dois como cooperadores.

Antes de tudo, este modo de confiar paróquia a religiosos em forma provisória não foi diretamente previsto pelo Código. Daí a ausência de normas claras e precisas. Em todo caso, como aqui, na América, este sistema tem sido largamente praticado, os canonistas apresentam estudos que permitem resolver o quesito apresentado.

Esta colação de paróquia em forma provisória não deverá normalmente exceder a 6 (seis) meses. Diversamente será necessário recurso à Santa Sé. Neste interim, o religioso posto à frente da paróquia deve ser considerado como vigário econômico (cfr. cân. 472). Sendo assim, não cabe ao religioso designado todos os frutos de benefício, mas só aquela parte que o Ordinário designar, conforme o cân. 472: "... assignata eidem parte fructuum pro congrua sustentatione". Como, no Brasil, o benefício paróquial é muitas vezes constituído também pelos direitos de estola, o Bispo está com o direito de exigir prestação de contas de todas as entradas da paróquia, tirando daí uma parte para o sustento do vigário econômico. Por conseguinte, a escrituração da paróquia tem que ser feita segundo as determinações do Ordinário.

No que concerne aos vigários cooperadores o Código explicitamente determina, no cân. 476 § 1, que lhes seja dada congrua remuneração: "... quibus congrua remuneratio assignetur". Cabe ao Ordinário do lugar determinar qual seja essa remuneração. É certo, porém, que não deve provir dos bens da Comunidade religiosa. O Bispo deve marcar uma parte das entradas da paróquia como sustento dos vigários coadjutores. Esta doutrina é absolutamente certa. Goyenchem no seu livro: "Quaestiones canonicae de jure religiosorum", Napoles, 1954, vol. 1, p. 76, resolve um caso neste sentido e termina dizendo: "... quae dicata sunt de vicario paroeciali valent etiam pro vicariis cooperato-ribus". Não se sabe em que se baseia o Bispo quando pretende que a Comunidade religiosa sustente os vigários cooperadores que, afinal, estão a serviço do povo e da paróquia.

Pe. Astério Campos SDB

ENTREVISTA COM UMA RELIGIOSA

Hoje desejamos contar às nossas leitoras um caso que se nos afigura edificante. Recebemos, há dias, em nosso escritório, a visita de uma Religiosa. Ela vinha do sul do País, de uma zona sub-desenvolvida onde faltava tudo. Sua Obra estava no início e não podia, até agora, contar com auxílio algum do Governo. O número de famílias e menores assistidos era enorme e poucas as Irmãs. A Religiosa (que chamaremos Irmã Angélica) aparentava cansaço e esgotamento. Vinha ao Rio em busca de verbas e, para isto, nem avião podia tomar. Teve que fazer seis longos dias de viagem de ônibus. Irmã Angélica chegou ao nosso Departamento, esperou calmamente que recebéssemos outra Religiosa e, depois, contou o que acabamos de relatar acima. À vista disto, pensamos, Irmã Angélica vai nos consultar sobre verbas, meios de obtê-las, maneiras de preparar processos de subvenções, particulares a quem possa recorrer, etc. Mas, eis o que aconteceu:—

— Irmã, e em que podemos ser-lhe úteis?

— Vim aqui para que a senhora me oriente sobre *Bibliografia*. Gostaria de levar para a minha terra e minhas Religiosas (Irmã Angélica é Superiora) tudo quanto possa ser útil para que estudem e se preparem para melhor atender às famílias e às crianças. Estamos tão longe de qualquer centro...

— Bibliografia? — perguntamos surpresas. Mas... a senhora vai ter que gastar muito. Os livros hoje são tão caros...

— Não faz mal. Custe o que custar, eu os levarei. Só desejo que a senhora me forneça a lista.

Minha querida Irmã Angélica, que coisa surpreendente e edificante... A senhora veio de ônibus, de tão longe, economizou o avião mas gastou este pobre corpo cansado. E, entretanto, nada quer economizar em livros...

Atendemos à cara Irmã Angélica, fornecendo-lhe uma pequena lista de livros e extenso material mimeografado de que já dispõe o nosso Departamento. Esperamos ter sido úteis.

Irmã Angélica (é claro que não é este o seu nome) se a senhora ler esta página, perdôe a nossa indiscreção mas ela é necessária para a maior glória de Deus e edificação nossa. Reze por nós todas.

— * * * —

Recomendamos às Escolas de Serviço Social a assinatura da Revista *Síntese Econômica Política e Social*, publicação do Instituto de Estudos Políticos e Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Trata-se de excelente e cuidadosa publicação apresentando artigos que muito interessam às Cadeiras de Sociologia, Psicologia, Doutrina Social da Igreja, etc., das nossas Escolas.

Notícias da União Católica Internacional de Serviço Social

Após o Congresso realizado em Bruxelas, em Agosto de 1958, a UCISS tomou novo incremento. Seu atual Presidente é o Snr. Hahn, professor de Sociologia do Instituto Católico de Toulouse, França.

A UCISS tem se empenhado fortemente junto aos organismos internacionais leigos, no sentido da afirmação dos pontos de vista católicos no campo social.

Recomenda-se instantaneamente às Escolas de Serviço Social que se filiem a esta Organização Internacional Católica. Para tanto, pedir instruções ao Secretariado Brasileiro:— Snr. Francisco de Paula Ferreira, Rua Sabará 413 — São Paulo.

* * *

O DSAS — Rio iniciou este mês uma nova fórmula no intuito de melhor ajudar às Congregações Religiosas no sentido de uma atualização cada vez maior do apostolado.

Trata-se de um trabalho de *treinamento individual* de Religiosas que se ocupem com obras sociais. Esta nova modalidade, que veio substituir os cursos de Introdução ao Serviço Social, tem a vantagem de atender às horas disponíveis das Irmãs, bem como permitir uma *formação para aquêle determinado trabalho social que a Obediência lhes confiou*. Através de entrevistas com Assistentes Sociais Religiosas que se dispõem a ajudar na formação da Religiosa-aluna, visitas a determinadas Obras onde já haja um serviço organizado, leituras adaptadas etc., se procurará proporcionar à Irmã um aprendizado adaptado às suas funções. Já temos duas Religiosas realizando esta experiência que aí vai como sugestão às Seccionais, onde o DSAS funciona ligado às Escolas de Serviço Social.

PEQUENO CONGRESSO RELIGIOSO LATINO AMERICANO

Introdução: Por intermédio dos Exmos. e Revmos. Srs. Núncios e dos Presidentes Nacionais das Congregações de Religiosos a Sagrada Congregação dos Religiosos convidou os Superiores Maiores das Congregações que tem pessoal na América Latina, a enviarem um representante nacional ao pequeno congresso organizado em Roma, de 10 a 16 de novembro de 1958, pela mesma Sagrada Congregação dos Religiosos.

Direta ou indiretamente tôdas as Nações Latino Americanas se fizeram representar no pequeno Congresso.

Enviaram representantes diretos: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Honduras, México, República Dominicana e Salvador.

Quadro do Congresso: Enquanto cerca de quarenta Bispos latino-americanos celebravam a terceira série de Conferências do CELAM no Colégio Pio Latino Americano, uns vinte e três representantes dos Estados de Perfeição nos reuníamos numa das salas do Palácio de São Calixto, Sede da Sagrada Congregação dos Religiosos.

O salão, sem maiores elegâncias que chamassem a atenção, enfeitava seus murais com quadros esquemáticos lineares relativos a várias Confederações Nacionais de Religiosos e a suas atividades, p. ex., as da Bélgica, Brasil, Espanha, França e Itália; e alguns mais gerais da Obra desenvolvida pela mesma Sagrada Congregação dos Religiosos em benefício dos Estados de Perfeição.

Animador do Congresso: A idéia primeira brotou da mente e do coração

apostólico do Exmo. Sr. Dom Antônio Samoré, Secretário da Sagrada Congregação dos Negócios Eclesiásticos. Com diligência e eficácia secundou e animou a idéia o Revmo. Pe. Arcádio Larraona, Secretário da Sagrada Congregação dos Religiosos. Ele presidiu e orientou pela manhã e à tarde as amplas e laboriosas deliberações do Congresso.

Finalidades do Congresso: Duas foram as principais:

1). Criar uma Confederação central interna latino-americana, na qual tomem parte as Conferências nacionais, que potencie o trabalho de tôdas as Congregações Religiosas.

2). Oferecer ao CELAM, mediante dita Confederação central internacional Latino Americana de Religiosos, a colaboração sincera que, embora modesta, porém garantida pela Sagrada Congregação, pode aspirar a ser completa e contínua.

Ao redor destas finalidades principais se ajuntaram outras, não menos importantes porque secundárias, como o estudo e a redação dos Estatutos provisórios da Organização Latino Americana de Religiosos; possíveis contribuições concretas dos Religiosos Latino Americanos ao CELAM em matéria de defesa da fé, Assistência Social, Catecismo, Missões; sugestões para a vida interna de coloridos comuns dos Estados de Perfeição, como a formação religiosa, cultural, apostólica.

Estes e outros temas interessantíssimos ocuparam as atividades dos congressistas durante as sessões da manhã, por três horas e meia.

Durante as sessões da tarde, de duas horas e meia, cada representante dos diversos países nos foi dando, como num film impressionante e atraente, o estado atual religioso dos vários países latino-americanos.

Pelo que uns e outros disseram puderam se tirar algumas conclusões relativas aos perigos e necessidades comuns que sofrem nossos países e nossa religiosidade na ordem social e religiosa.

À exposição do estado religioso de cada país latino-americano seguiam-se as sugestões dos meios para remediar aos males, e a discussão dos mais aptos.

Alguns dos que ali foram sugeridos quadraram em conclusões que a Sagrada Congregação dos Religiosos ou a própria Confederação Latino Americana de Religiosos oferecerá ao CELAM para sua consideração e possível aplicação.

Eficácia do Congresso: O pequeno Congresso Romano de Religiosos Latino Americanos a que nos referimos, em suas deliberações matutinas e vespertinas, teve caráter abertamente prático. Nêle reinou a singeleza de expressão dos relatores e dissertantes, e a confiança nos presentes para perguntar sobre as diversas e interessantes questões suscitadas, procurando uns e outros encontrar a clareza e a eficácia de nosso diálogo.

Graças a esta fraterna compreensão dos congressistas, depois de cinco dias de intensa aplicação, ficou constituída a C.L.A.R. (*Conferência Latino Americana de Religiosos*) e redigidos felizmente e aprovados "ad experimentum" ou provisoriamente os Estatutos da mesma. Chegou-se também à formação como que de um florilégio de sugestões com que pôr remédio aos males mais graves ou contrários de que sofre o Catolicismo latino americano.

Reunião conjunta: Findos, na parte essencial, os trabalhos do pequeno

Congresso, o Revmo. Pe. Presidente conseguiu, por intermédio de Mons. Sarmore e de Sua Emcia. Revma. Valério Valeri, Cardeal Prefeito da Sagrada Congregação dos Religiosos, uma reunião conjunta dos Exmos. e Revmos. Prelados latino americanos e dos Superiores Maiores representantes das Conferências nacionais de Religiosos da América Latina.

Teve lugar no Colégio Latino Americano, às 10 horas do dia 15 de novembro.

Com Sua Emcia. Revma. o Cardeal Valeri presidiram também os Cardeais Latino Americanos do Brasil e Colômbia, etc.

O Card. Valeri pronunciou fervoroso e importante discurso aos Bispos e Religiosos, salientando a importância do Estado de Perfeição em si mesmo e em ordem à colaboração com a Hierarquia em toda espécie de apostolado, terminando com a apresentação do Regimento da CLAR à apreciação e aprovação dos Exmos. e Revmos. Srs. Bispos ali reunidos.

O Revmo. Pe. Arcádio Larraona esclareceu e respondeu a algumas perguntas dos Exmos. e Revmos. Prelados; e estes, dando uma prova a mais da grande estima que têm para o Estado de Perfeição e para os que o professam, aprovaram o Regimento da CLAR "ao experimentum", conforme lhes foi apresentado.

A delicadeza dos Exmos. Srs. Bispos, as palavras de nobre e entusiasta compreensão da obra dos Religiosos proferidas por Sua Emcia. Revma. Dom Luque, Cardeal de Colômbia, e Sua. Emcia. Revma. Dom Jaime de Barros Câmara, Cardeal do Rio de Janeiro, foram muito doces a nossas almas e nossos corações.

Segunda parte do Congresso de Religiosos da América Latina.

As Sessões vespertinas do Congresso foram dedicadas ao estudo do panorama espiritual e religioso de cada uma das Nações Latino Americanas; a indicar os problemas e os inimigos mais importantes que nelas encontra o Calicismo e indicar seus possíveis remédios.

Não poucos dos remédios indicados durante as deliberações e aprovados pelos assembleístas resultarão a seu tempo em conclusões eficazes.

Uma impressão pormenorizada do que se falou nestas sessões nos levaria demasiado longe. Procuroi reunir aqui o mais importante e proveitoso para os leitores.

Há motivos de entusiasmo na América Latina para o Catolicismo

As Sessões da tarde nos deram como uma vista panorâmica e às vezes com pormenores interessantíssimos, impressão adequada da situação religiosa das várias Nações Latino Americanas.

Nem tudo é desalentador na América Latina. As boas experiências que lá se apresentam, p. ex. a devoção verdadeiramente sincera à Santíssima Virgem; o floreamento vocacional cheio de esperanças que se nota; o espírito renovador apostólico que anima quase todos os Institutos religiosos nessas províncias Latino Americanas; a eficácia clara e duradoura da educação impartida pelos Colégios de Religiosos, etc., etc., sugeriram em mais de uma ocasião ao Revmo. Pe. Presidente as palavras de Santo Antônio Maria Claret alusivas à "vinha jovem e cheia de esperança da América".

Perigos do Catolicismo Latino Americano: Como principais perigos contra o Catolicismo nestas terras notaram-se os seguintes:

1. A ignorância religiosa;
2. Espiritismo, superstição, Horóscopos;
3. O Protestantismo;
4. O Comunismo, liberalismo exagerado, laicismo;
5. A Maçonaria;
6. O problema vocacional sacerdotal e religioso;
7. O nacionalismo exagerado.

Nem todos estes inimigos e calamidades são sentidos com idêntica intensidade em tôdas as Nações Latino Americanas; porém em maior ou menor escala podemos qualificá-los de inimigos comuns do Catolicismo na América Latina.

Remédios: Desde o comêço do estudo dos males espirituais Latino Americanos se notou em todos desejos de não chorar estérilmente, mas remediar aos males na medida de nossa fôixa. Para tanto, com os males apontados, iam as sugestões de seus possíveis remédios.

Sugestões interessantes

Não poucas delas serão elevadas à categoria de conclusões pela Sagrada Congregação dos Religiosos e propostas a seu tempo à alta apreciação do CELAM.

Contra a ignorância religiosa: Impõe-se uma dupla verdade:

Primeira: Em grande número de Países Latino Americanos abunda a ignorância religiosa.

Segunda: O Espiritismo, Superstição, Protestantismo e Comunismo encontram seu melhor terreno confiando nesta ignorância lamentável. Ignorância religiosa que costuma estar unida ao atrazo geral econômico e cultural.

É fenômeno consolador na América Latina: As classes mais cultas e elevadas na Sociedade sentem predileção para o Credo Católico; talvez porque em boa parte frequentaram Colégios de Religiosos.

Para se remediar, em parte, tão grande mal, indicaram-se os seguintes remédios:

1. Favorecer, na medida do possível, a abertura de novos Colégios de Religiosos e Religiosas.

2. Favorecer a constituição de Escolas Paroquiais bem organizadas, economicamente acessíveis a tôdas as classes sociais (poderia servir de modelo a outros povos a recente proposta da Legião de Cristo ao Colonato Cubano e por este aceita).

3. Levar à consciência dos católicos ricos e das Paroquias e Igrejas ricas, a convicção de que devem velar com suas economias pelas Escolas instituídas em Paróquias e bairros pobres.

4. Procurar por todos os meios a organização de um corpo de Catequistas formadas e remuneradas com a condição de atenderem ao ensino religioso e ao culto católico, conforme contrato, em salas ou Capelas afastadas ou rurais e estratégicas das Paróquias.

Esta classe de Catequistas não exclue o aproveitamento das voluntárias e

gratuitas que se poderiam oferecer.

5. Favorecer onde se pode e como se pode as Missões Paroquiais gerais por numerosas equipes de Missionários que atuem periodicamente durante alguns meses ou um ano inteiro em Países sucessivos.

6. Para a manutenção das Escolas, catequistas preparadas e Missões Paroquiais por grandes equipes de Missionários, etc., prover à instituição de um fundo nacional ou internacional com que prover a tais necessidades.

7. Para aliviar as despesas da equipe Missionária se encarece e pede à Sagrada Congregação dos Religiosos para que interponha seus bons ofícios junto aos Superiores Gerais de cada uma das Congregações Religiosas para que cuidem de manter na América Latina alguma ou mais Comunidades numerosas de Religiosos que a chamado da CLAR ou do CELAM possam transferir-se de um a outro País, sem necessidade de serem enviados da Europa.

Contra o Protestantismo: Os Estados Unidos têm derramado sobre a América Latina seus Pastores Protestantes, seu dinheiro e sua técnica de propaganda maciça com o duvidoso e proclamado propósito de cristianizar estas Repúblicas Americanas.

Um feito é certo: a indiferença religiosa que vai semeando por toda parte o exército protestante como um aluvião. Não são muitos, como proclamam, os convertidos; porém são inumeráveis os indiferentes religiosos que fazem, ainda entre os que fervorosamente praticavam e aceitavam no Catolicismo.

Para opor-se a este gravíssimo mal sugeriu-se:

1. Pedir ajuda econômica, quando não de pessoal, aos católicos norte-americanos, para contrastar na América Latina aquela protestante que realizam seus concidadãos.

2. Favorecer, com quantos meios for possível, a ampliação da Rádio "FIDES" de La Paz (Bolívia) instalada a três mil metros de altura pela confederação Religiosa daquele País como meio de contrastar a propaganda protestante da Rádio dos Andes.

3. De quando em vez trazer a estas regiões expertos em assuntos protestantes (defesa e ataque) que no próprio lugar escrevam e dêem sugestões a periódicos, rádios e televisões, procurando as confederações nacionais difundir seus trabalhos o mais possível.

4. Favorecer a edição a pouco custo da Santa Bíblia como único meio de afastar e contrastar a semente das Bíblias protestantes.

5. Depois de interessante discussão se considerou como meio mais apto de lutar contra o Protestantismo o semear amável e constante da verdade, mais que o ataque sistemático contra o erro protestante. Aqui voltou em pauta a importância das Escolas Paroquiais e o corpo de Catequistas formadas e remuneradas que cuidem de nossas Capelas rurais e de seu culto.

6. Com muito carinho reconheceu-se como principal defensora do Catolicismo Latino Americano contra a invasão protestante a Santíssima Virgem e suas diversas invocações Latino Americanas.

E por unanimidade se concordou em fomentar cada dia mais e mais a devoção à celestial Senhora com a invocação própria de cada País Latino Americano.

Contra o Espiritismo, Superstição, Advinhação: Uma das pragas mais espalhadas entre o nosso povo mais baixo, fruto do abandono espiritual e cultural em que se encontra por falta de Sacerdotes e por descuido de não poucos Governos.

Como meios de pôr um dique e contrastar ao mal foi proposto:

1. Abrir o maior número possível de capelas, provendo-as de uma boa catequista que cuide delas e fomente nelas as formas certas de culto católico.

2. Facilitar ao Sacerdote os meios modernos de locomoção para que multiplique sua atividade e sua presença nas capelas rurais.

3. Com a palavra e mediante pequenos opúsculos explicar aos fiéis o verdadeiro sentido de muitas de suas práticas espíritas, mistura de cultos exóticos ou africanos com os cristãos.

Contra o Comunismo, liberalismo exagerado, laicismo: Para defender nossas atuais posições e a conquista de novas e desalojar das suas os inimigos enumerados, indicou-se:

1. Insistir muito para que religiosos e sacerdotes levem conduta inatacável.

Em nosso ambiente se ataca pouco o dogma como tal; mas muito se insultam pessoas por seus vícios supostos ou reais e procedimentos externos.

Um só descuido de sacerdote ou religioso é universalizado por nossos inimigos, para consecução de seus perversos fins. Perante uma conduta imaculada não há quem, mais tarde ou mais cedo, não se incline.

2. Favorecer, quanto está ao nosso alcance, a aquisição pelos religiosos de títulos civis para exercer com maior preparo e dignidade nossos ministérios e apostolado. Títulos universitários, de normalistas, pedagógicos, de enfermeiros para os religiosos dedicados aos hospitais, etc. Com êste procedimento se tiram ao inimigo muitos pretextos para nos atacar e molestar.

3. Onde é possível, abrir estabelecimentos para conferir êsses títulos.

4. Introduzir em nossos colégios externos e internos a cadeira de *Sociologia cristã*, para familiarizarmo-nos e familiarizar os alunos com as diretrizes pontifícias das questões sociais.

5. Levar, de quando em vez, à América equipes de religiosos expertos em assuntos comunistas.

6. Estudar os meios comunistas de penetração e adaptação ao ambiente e distribuição oportuna de dirigentes, conforme os dotes pessoais de cada um, porém sem detrimento do que é próprio do religioso e do sacerdote.

7. Não dimenticar na prática e no trato social a verdade de que o Catecismo somente entra com o alimento. Lê ainda que nosso papel como Sacerdotes e Religiosos seja principalmente espiritual, não podemos nos desinteressar em absoluto do temporal; e onde possamos favorecer o bem dos corpos devemos fazê-lo. Onde o possamos fazer, não descuidemos de dispensários, hospitais, refeitórios populares, cooperativas cristãs populares, evitando misturar-se na administração destas organizações.

8. Os Colégios procurem organizar as Associações de Pais de família e de ex alunos, em plano nacional ou internacional, como frente contra o comunismo.

9. Orientar os jovens estudiosos latino americanos para que completem

seus estudos no estrangeiro em centros católicos, e ainda cuidar deles em quanto seja possível para que não voltem pervertidos.

10. Que os Superiores Maiores dos Religiosos da América Latina enviem alguns alunos à Universidade Social Romana "PRO DEO" (Via Pola, N.º 12 — Reitor, R.P. Feliz A Morlion, O.P.) tanto para o curso completo como para cursos intensivos, prévio acordo.

Problema Vocacional

Até agora não parece estar resolvido por completo em nenhuma das Nações Latino Americanas. Nos últimos anos (doze ou quinze) se tem feito um bom trabalho neste terreno em alguns Países, como Colômbia, Argentina, Brasil, México, Cuba, etc. Porém trabalhou-se sem se afrontar o problema em conjunto.

Ultimamente a Confederação dos Religiosos de Honduras organizou algumas campanhas vocacionais.

Em relação a este tema transcendental sugeriu-se:

1. Organizar campanhas periódicas de vocações unindo todos os Institutos de ambos os sexos. Despejar-nos de egoísmo e ambientar os povos no assunto vocacional para o bem de todos. Não sejam esquecidos os Conventos de Clausura.

2. Onde fôr possível, realizar as campanhas de acôrdo com os Sacerdotes seculares.

3. Cuidemos de alimentar de excelentes vocações os Seminários diocesanos. Com o aumento do clero secular bem formado por motivo nenhum deixarão os religiosos de aumentar.

4. Favoreçam-se por todos os meios os Institutos indígenas ou nativos, onde existem, e proceda-se à fundação de novos, onde fôr possível.

5. Interessar a Sagrada Congregação para que envie mais Comunidades Religiosas a tantos países Latino Americanos, conforme as necessidades.

6. Não esquecer dos Conventos de Monjas de Clausura. Favorecê-los não só com donativos, quanto com trabalho habitual ou encargos remunerados que as religiosas possam cumprir dignamente.

Atos emocionantes

Sem dúvida o foram para os congressistas o almoço de confraternização e a audiência que nos concedeu a bondade do Papa João XXIII.

O almoço de confraternização, delicada gentileza e homenagem inesperada da Sagrada Congregação dos Religiosos aos congressistas, teve lugar a 15 de novembro, na acolhedora Casa-Hotel das Mercedárias Hospitalciras de Roma. Feliz idéia que nos facilitou a ocasião de homenagear o Revmo. Pe. Secretário da Sagrada Congregação por seu onomástico celebrado no dia anterior sem interrupção das tarefas do congresso, e agradecer-lhe ao mesmo tempo a destacada e luminosa atuação desenvolvida no Congresso.

Audiência Papal: Não queríamos sair de Roma e voltar à América Latina sem obter do novo Vigário de Cristo, João XXIII, sua paternal bênção e beijar seu anel. Nosso desejo de filhos ficou apagado pela imensa bondade do Santo Padre.

Um pouco longa foi a espera num dos salões do Palácio Pontifício, po-

rém resultou sumamente frutuosa por dar-nos a ocasião de podermos admirar as maravilhas do Palácio de nosso Santo Padre o Papa.

No domingo, dia 16 de novembro, às 11,45, fomos recebidos pelo Santo Padre. Um a um desfilamos reverentes, emocionados, como filhos, beijando-lhe o anel pastoral. O Revmo. Pe. Larraona ia apresentando os congressistas (uns vinte e três), e o Papa para cada um tinha sua palavra de admiração, de conforto, de estímulo e de bênção.

Logo, sem etiquetas protocolares, porém com renovada reverência de bons filhos rodeamos a venerável figura do nosso Santo Padre o Papa e ouvimos de seus lábios a estima que tem pelo estado religioso e sua admiração pelo trabalho que os religiosos desenvolvem na América Latina; assim como as esperanças que guardava da eficácia do Congresso realizado para o futuro espiritual da América Latina.

Em seguida beijamos uma e outra vez o anel, enquanto com manifesto afeto paternal colocava nas mãos de cada um um presente muito apreciado.

Às doze horas nos coube a satisfação de rezar o Angelus Domini dirigido pelo próprio Sumo Pontífice, João XXIII. A unção, o recolhimento e o fervor com que rezou o Papa ficará perenemente em nossa memória como uma das melhores lembranças de Roma.

Às 12,15 horas deixamos a residência papal. O Papa havia dedicado meia hora para conversar com seus filhos prediletos, os religiosos. Saíamos satisfeitos. Os comentários de júbilo fluíam dos lábios dos congressistas, enquanto atravessávamos salões e mais salões ao compasso das vozes de comando e apresentar de armas à passagem do Cardeal Valeri e do Revmo. Pe. Larraona da elegante e atraente Guarda Suíça.

Na imensa Praça de São Pedro, dentro do Colunato de Bernini, demos o último aperto de mão quantos durante o pequeno Congresso havíamos vivido juntos dias de idênticas ansiedades de perfeição religiosa e de eficácia de nosso comum apostolado.

Habana, 1958

Pe. Aristónico Urse C.M.F.

(Transcrito de "Vida Religiosa" de Madrid (jun. lev. 1959) tradução especial para a Revista da C. R. B.)

CRÔNICA DOS RELIGIOSOS

Belo Horizonte — Relatório do Ensino Religioso em 1958

No decorrer de 1958, tendo o Departamento de Catecismo da CRB recebido o pedido de professoras de religião para o Instituto de Educação (Curso de Formação e Ginásio), e de Professora de Metodologia de Catecismo para o Curso de Formação do Colégio Municipal, encaminhou êle 20 professoras para os referidos estabelecimentos.

No fim do mesmo ano, Dom João Resende Costa exprimiu seu desejo de que o referido Departamento providenciasse professoras de religião para o Colégio Anchieta no ano de 1959.

A fim de ter uma idéia mais clara da situação do ensino religioso no ciclo secundário, o Diretor do Departamento, Pe. Domingos Vermeulen S.S.CC., resolveu fazer um levantamento dos colégios dêste ciclo. O levantamento, após ter atingido 15 estabelecimentos, apresenta os seguintes dados:

1) Estabelecimentos que desejam ensino religioso e forneceram o número de turmas de 1958:

Femininos:

Instituto de Educação — Ginásio: 19 turmas no turno da manhã;
 — Curso de Formação; 11 turmas no turno da tarde;
 Colégio Estadual: — 9 turmas, sendo 3 pela manhã;
 Colégio Municipal: — Curso de Formação: 3 turmas no turno da tarde;
 Escola Profissional Feminina: 9 turmas em dois turnos, manhã e tarde.
 Total de turmas atingidas: 51.

Nota: O Ginásio "Tristão de Ataíde" prevê, em 1959, separação do Ginásio, ficando o masculino para a manhã e o feminino para a tarde.

Masculinos:

Colégio Estadual — Manhã: 2 turmas da 4.^a série ginásial,
 3 " do 1.^o ano científico,
 1 " " 2.^o " "
 2 " " 3.^o " "
 Tarde: 6 " da 1.^a série ginásial,
 4 " " 2.^a " "
 2 " " 3.^a " "
 Noite: 1 " " 1.^a " "
 1 " " 3.^a " "
 1 " do 2.^o ano científico.

Colégio Marconi — Tarde: ginásio — de 2 a 3 turmas para cada série
 (máximo de alunos em cada, 30).

Total de turmas atingidas: 31, pelo menos.

Mistos:

Colégio Estadual — Manhã: 1 turmas do 2.^o científico
 1 " " 1.^o clássico
 1 " " 2.^o "
 1 " " 3.^o "
 Noite: 1 " da 2.^a série ginásial
 1 " " 4.^a " "
 1 " do 1.^o ano científico
 1 " " 3.^o " "

Colégio Marconi — Manhã: 2 " para cada ano no mínimo, talvez 3,
 (máximo de alunos, 30),
 1 " para cada ano, no mínimo, talvez 2,
 (máximo de alunos, 20),
 Noite: 2 " do científico,
 1 " do clássico.

Total das turmas mistas: 49, no mínimo.

Total de turmas, femininas, masculinas e mistas: 131.

2) Estabelecimentos que desejam o ensino religioso e não deram o total das turmas, nem mesmo em 1958: Colégio Anchieta.

3) Estabelecimentos que desejam cooperação no ensino religioso, que já

é ministrado, mas não deram ainda precisões:

Colégio "Tristão de Ataíde" — cremos que o ensino religioso é ministrado, ao menos parcialmente, pelo Revmo. Pe. Aloisio Cantauw.

Colégio "Lúcio Santos" — Ministrado pela Diretoria.

Colégio "Aplicação da Faculdade de Filosofia" — Ministrado por um rapaz.

Escola Técnica do Comércio "João Lira" — Ministrado em algumas turmas pelo próprio Diretor.

4) Estabelecimentos que não podem aceitar o ensino religioso porque os estatutos o proíbem, mas cujos diretores desejam uma cooperação indireta:

Escola Técnica do Comércio A.E.C.

Escola Técnica do Comércio Inconfidência.

5) Estabelecimentos que responderam já terem assistência religiosa (não foi verificado claramente se essa assistência correspondia a aulas regulares de religião em tôdas as turmas),

SENAI — (Pe. Cândido da Lagoinha)

Escola Técnica Belo Horizonte (Gambleira) — (Pe. Carlos da Capelinha S. Vicente)

Instituto São Rafael — (JIC da Paróquia São José).

6) Estabelecimentos que ainda não foram atingidos, mas que serão brevemente visitados:

Colégio Afonso Arinos

Ginásio Alberto Behrens

Ginásio Alcindo Vieira

Ginásio Domiciano Vieira

Ginásio Monsenhor Artur de Oliveira

Escola Técnica do Comércio Belo Horizonte

Escola Técnica do Comércio Brasileira.

Belo Horizonte — Atividades do Departamento de Catecismo (1.º trim.)

O ano foi iniciado com o levantamento cuja discriminação vai junto. Após ter atingido o total de 131 turmas que desejam o ensino religioso, julgou-se urgente começar o levantamento de professôres, sendo enviada uma circular aos colégios religiosos a fim de recrutá-los entre seus alunos e ex-alunos.

Os Colégios S. Coração de Jesus, Santa Marcelina, S. Coeur de Jesus, Sion, Santa Maria e Piedade responderam ao apêlo enviando nomes de moças capazes de ministrar êsse ensino. Algumas delas pediram insistentemente um curso intensivo de orientação para seu preparo como professôra de religião no secundário.

O Diretor do Departamento submeteu ao Sr. Arcebispo um programa de Sessão Catequética que foi aprovado, realizando-se esta de 17 a 20 de fevereiro, no Convento de Nossa Senhora do Cenáculo, sendo encerrada com Missa vespertina celebrada por Sua Excia. Dom João Resende Costa. As aulas foram dadas pelos Revmos. Padres Domingos Vermeulen e Eusébio Aartveg, SS.CC., José Avril SVD e pelas Madres Teresa de Cristo OSU e Pereira de Mello, religiosa do Cenáculo.

Começando o ano lectivo, o Departamento comprometeu-se a encaminhar professôras de religião para o Curso de Formação e para o Ginásio do Insti-

tuto de Educação, a pedido do Vigário da Paróquia da Boa Viagem, Padre Paulo Rigolio. Até a presente data, somente o Curso de Formação forneceu horários para as aulas de religião, sendo que 16 professoras já estão designadas para esta função; 1 religiosa do Colégio Santa Maria, 1 de Sion, 1 de Nossa Senhora do Cenáculo e várias jovens, sendo algumas ex-alunas do Colégio Sacré Coeur de Jesus e de Sion. Esperamos que, logo depois da Semana Santa, o Ginásio nos envie os horários de suas 14 turmas.

Em 18 de março foi realizada a reunião das Superiores dos Colégios secundários a fim de estudar os meios para a boa formação catequética de suas alunas. Os Colégios Santa Maria, Sacré Coeur de Jesus, Pio XII, Sagrado Coração de Jesus, Sacré Coeur de Marie, São José, S. João Batista se fizeram representar, sendo que, os seus primeiros já dão formação Catequética às alunas.

O Diretor do Departamento resolveu visitar, pessoalmente, cada colégio religioso e pediu a cada um que desse por escrito o que faz para o bom êxito dessa formação.

Pôrto Alegre — 2.ª Semana Catequética

Conforme havia sido determinado por circular do Revmo. Presidente da Secção Estadual, realizou-se de 25 a 31 de janeiro do c.a., no Colégio Sevigné, a 2.ª Semana Catequética para Religiosas, promovida pelo Departamento Catequético da mesma CRB Estadual.

A semana de estudos visava ao mesmo tempo selecionar as Religiosas que iriam concorrer à Maratona da CRB-Rio, em julho próximo, ampliar os conhecimentos catequéticos das Religiosas em geral e melhorar os métodos de ensino. Destinava-se, portanto, a todas as religiosas que trabalham na Catequese, qualquer que seja o ramo de suas atividades.

61 Religiosas inscreveram-se à Semana Catequética, elevando-se entretanto a uma média de 80 o número de comparecimentos diários.

A Semana foi intensiva, com três aulas pela manhã (História da Igreja, Catequética e Doutrina Católica) e duas à tarde (Ação Católica e Sagrada Escritura).

A Semana alcançou os objetivos visados, despertando grande interesse, pois contava com a valiosa colaboração de competentes docentes: Pe. Frei Artur OFM (História e Doutrina), Mons. Dr. Alberto Etges (Ação Católica), Pe. Frei Genésio OFM (Sagrada Escritura). A Catequese estava a cargo de uma equipe de Religiosas que, através de aulas práticas ou teóricas, fizeram desfilar ante os olhos das Semanistas os diversos métodos no apostolado.

Das Religiosas inscritas 5 (cinco) se candidataram à Maratona (Irmã Maria Paula, Salvatoriana, Irmã Teresinha da Congr. de São José, Irmã Nely das Missionárias de J. Cr., Irmãs Maria Alice e Maria de Lourdes, religiosas Paulinas), que foram submetidas a três provas escritas, organizadas em base às "apostilas" fornecidas pela CRB-Rio.

Pelo reduzido número de Religiosas que se candidataram à Maratona (apenas 5) pareceu-nos poder concluir não ser este o método acertado para despertar interesse para o Estudo da Religião. Aliás, a sobrecarga de traba-

lho que pesa sobre os ombros de tôdas as Religiosas não lhes dá lazer para preparar um programa tão vasto e coragem para enfrentar exames tão importantes, quanto os que vêm anunciados no regulamento da Maratona. Porém se, por um lado, a idéia da Maratona mais assustou que entusiasmou, por outro lado, foi consolador vivificar como tiveram ótimos resultados os cursos em função dela organizados.

As Religiosas desejam melhorar, desejam evoluir e, enfrentando sacrifícios e vencendo longas distâncias, acorrem pressurosas sempre que se lhes oferece oportunidade para alguma Semana de estudos.

Por este motivo cumprimos a CRB-Rio pelas iniciativas que vem tomando no sentido de despertar o interêsse pela Catequese. De nossa parte, procuraremos sempre colaborar em tudo o que nos fôr possível.

(Irmã Jeanne)

Roma — O Secretariado Missionário do O.C.I.C.

O Secretariado Missionário do "Office Catholique International du Cinema" (O.C.I.C.) acaba de recmpreender suas atividades em Roma, junto à Caritas Internationalis, Via della Conciliazione 15, sob a direção de Mons. J.M. Poitevin. Finalidade do Secretariado é de prestar serviços mais adaptados às especiais condições dos países de missão e incrementar a fundação de Centros cinematográficos ou, ao menos, de atividades católicas nesse campo.

O Diretor do Secretariado Missionário do OCIC é muito conhecido no mundo missionário como no do Cinema. Sacerdote Canadense das Missões Estrangeiras de Quebec, Mons. Poitevin foi realmente missionário em vários países, notadamente na China, e êle mesmo produziu alguns filmes entre os quais "Mystère sur ma route" (Mistério em meu caminho) feito em Cuba, e "A la croisée des Chemins" (Na encruzilhada das estradas) sobre a China.

Uma das primeiras iniciativas do Secretariado Missionário do Cinema foi a de tomar contato diretamente com as Autoridades religiosas romanas das quais recebeu, sobretudo da Sagrada Congregação de Propagação da Fé e da Comissão Pontifícia para o Cinema, rádio e televisão, os mais preciosos e significativos estímulos.

Proximamente será enviado um opúsculo que ilustra a finalidade e a razão de ser do Secretariado Missionário. Este opúsculo se destina principalmente a todos os Bispos, Vigários e Prefeitos Apostólicos da Ásia e da África, aos Superiores Gerais das principais Ordens e Congregações religiosas missionárias, às várias organizações católicas nacionais e internacionais que se interessam pelos problemas do cinema nas missões e para as missões. A êsse opúsculo seguirá anexo um interessante questionário cujas respostas servirão de base para a futura atividade do Secretariado Missionário do OCIC.

NOVAS FUNDAÇÕES

Camburiú, Santa Catarina — Pe. André Anesa, Vigário dessa cidade pertencente à diocese de Florianópolis, procura Irmãs para as obras paroquiais a serem fundadas: jardim de infância; curso primário; curso de corte e costura, catecismo, apostolado de praia, dispensário, etc. Possivelmente com uma religiosa diplomada em enfermagem.

O Município conta com 22.000 habitantes, principalmente de zona litoral, onde o protestantismo está invadindo o terreno. Não há, até agora, no município, religiosos ou religiosas.

São Sebastião da Bela Vista, Minas Gerais — Distrito do Município de Santa Rita do Sapucaí. Pedem Irmãs para o orfanato local, que atualmente está com empregadas, faltando religiosas para a direção. A instituição é pequena, contando apenas com 32 orfãos, de ambos os sexos inferiores aos 6 anos. O Vigário, que semanalmente vai a esse distrito se compromete a dar toda assistência religiosa.

Lajinha, Minas Gerais — Hospital grande, moderno, com dois pavimentos, raios X, instalações, salas e aparelhagem de cirurgia, etc., com capacidade de 100 a 120 leitos, pronto para entrar em funcionamento, tudo dependendo da administração que seria confiada a Religiosas. Tem já capela pronta, terreno amplo, e o Vigário se compromete a dar toda assistência religiosa. O campo de apostolado é bom, com gente de boa índole e ótimas famílias católicas, com possibilidade de futuras vocações religiosas femininas.

Três Corações, Minas Gerais — A Sociedade de São Vicente de Paulo, nesta cidade, quer entregar a direção da "Vila Ozanam" a uma Congregação religiosa feminina.

Porto Alegre, Rio Gr. do Sul — A Diretoria da Associação Beneficente pede uma Congregação Religiosa para a direção do "Lar de São José", casa da mãe solteira, onde poderá ser exercido um apostolado imenso, de espírito moderno, numa perfeita compreensão e amor a este gênero de trabalho geralmente encarado por muitos com grandes restrições. A Obra já foi decretada de utilidade pública, por decreto-ei de 1957.

BIBLIOGRAFIA

MUNDO MELHOR — Revista mensal, Editada em São Paulo. Mensagem de um mundo melhor, transmitida pelas equipes de Nossa Senhora.

Começou a publicar-se em janeiro de 1958, tendo circulado regularmente todos os meses, sem atraso. Feita por participantes do movimento salutar das equipes de casais, MUNDO MELHOR se destina à família. Pretende dar aos seus leitores uma visão cristã e moderna do mundo e dos homens, dos problemas, e muitas vezes da solução destes mesmos problemas que surgem a todo momento, quer individuais, quer sociais, políticos, econômicos, ou morais.

Foi fundada por um grupo de casais que, pertencendo às Equipes de Nossa Senhora, sentiram a necessidade de dar aos católicos uma leitura agradável e elevada, que lhes transmitisse um pouco do muito que o movimento proporciona. O proveito que lhes resulta das Equipes de Nossa Senhora é uma vida cristã mais intensa e mais piedosa do casal e por conseguinte de sua família, acompanhado do estudo dos problemas religiosos relacionados com a vida familiar e o conhecimento mais perfeito das graças do sacramento do matrimônio.

MUNDO MELHOR é pois uma revista que deve ser incluída entre os muitos trabalhos apostólicos que as Equipes de Nossa Senhora já têm realizado.

Para se avaliar a mensagem transmitida pela Revista, durante o ano de 1958, o balanço de seus artigos revela o seguinte: espiritualidade conjugal: 23 artigos; educação dos filhos: 22; Problemas sociais: 12; crônicas: 25; divulgação: 25; vida cotidiana: 12; cinema: 14; arte: 29; juventude: 18; religião: 20; ficção: 25.

É editada em cadernos de cerca de 100 páginas. Excelente apresentação tipográfica, em duas cores, papel de primeira. Ilustrações em estilo moderno, agradável. Anúncios muito bem apresentados.

É uma excelente revista para os pais de nossos alunos, ou para as famílias de nossos assistidos, de qualquer maneira ligados às nossas obras. Divulgá-la, é fazer apostolado.

* * *

Pio XII. LEGISLAÇÃO PARA AS MONJAS. Constituição Apostólica "Sponsa Christi", Instruções da Sagrada Congregação dos Religiosos "Inter Praeclara" e "Inter Cetera" e três Radiomensagens da Audiência Invisível. Petrópolis, Edit. Vozes Ltda., 136 pgs.

Uma obra cuja falta ora já sentida no ambiente das Contemplativas e que, portanto, vem satisfazer os desejos de numerosas Monjas de ter à mão o que mais lhes dizia respeito.

O volume contém os principais documentos publicados durante o Pontificado de S. S. Pio XII de f. r., que se referem às Religiosas de Clausura: a Constituição Apostólica "Sponsa Christi", para promover o Sagrado Instituto das Monjas; a Instrução "Inter Praeclara", de 23 de nov. de 1950, para aplicação prática da Constituição "Sponsa Christi"; a Instrução "Inter Cetera", de 25 de março de 1956, sobre a Clausura papal; e, finalmente, as três alocuções dirigidas por S. S., em julho e agosto de 1958, a todas as Monjas do mundo, através do rádio, na assim

chamada "Audiência invisível". Parte importante a documentação da Constituição Apostólica, com os trechos da Sagrada Escritura e dos Santos Padres, que ocupa bem 35 páginas.

A edição traz a apresentação de S. Empla. o Card. Valeri que, nela, lembra os dias de sua permanência nesta "hospitaleira terra brasileira", durante o II Congresso dos Religiosos do Brasil, quando teve oportunidade de entrar em contato também com vários mosteiros e, principalmente, com a Abadia Santa Maria, de São Paulo, que curou esta tradução portuguesa.

De parabéns a Editôra Vozes que mereço os agradecimentos sinceros de todas as Contemplativas por este "dom do céu para as almas eleitas", como o define o Emo. Cardeal Valeri.

Clemente Luz. PEDRO PIPOCA. Rio de Janeiro. Livraria Agr Editôra, 1958. 104 pgs. fl.

Michel Duchemin. NOVE GAROTAS PARA UM RAPAZ. Tradução de Maria Helena Amoroso Lima Senise. Rio de Janeiro, Livraria Agr Editôra, 1958, 24 pgs.

Dois bons romances da Editora Agir que tão bem está cuidando de suas edições para oferecer ao público brasileiro uma leitura verdadeiramente educativa e sã.

O primeiro, para crianças, é tipicamente brasileiro. A história dum menino da cidade, criado nas idéias de cowboy e de mocinho, que vai passar as férias com os tios da roça para ali conhecer a parte mais linda e mais importante da vida da

fazenda do interior, com seu milho, seu requieijo, etc, até mudar o nome de Pedra em Pedro Pipoca. Ótimo e atraente para crianças e meninos.

O segundo, para juventude, traduzido do francês, narra a excursão turística de um grupo de nove moças e um só rapaz pela Iugoslávia, passando este por situações e apertos que levam o leitor a dar sozinho as mais gostosas gargalhadas.

Frei Hugo Baggio OFM. CLARA DE ASSIS, A PLANTINHA DE SÃO FRANCISCO (Coleção "Perfis Franciscanos", n.º 5). Petrópolis, Editora Vozes Ltda., 1958. 96 pgs.

Léon Chancorel. SÃO LUIZ DE TOLOSA (Coleção "Perfis Franciscanos", n.º 6). Petrópolis, Edit. Vozes Ltda., 1958. 112 pgs.

Vida simples, num estilo singelo e encantadoramente franciscano esta da "plantinha de São Francisco", que Frei Hugo Baggio nos apresenta. Redigida para o Centro Radiofônico Franciscano, dos Clérigos Franciscanos de Petrópolis, quando ao sétimo centenário da morte de Santa Clara, em seus capítulos conserva a forma de crônicas, independentes uma da outra, que às vezes, transpiram o perfume de "I Fioretti" e os encantos de toda a espiritualidade franciscana.

Em "São Luiz de Tolosa" temos, pelo contrário, uma obra que, mesmo na apresentação gráfica dos outros volumes da

coleção, está exarada com um perfeito critério crítico moderno, o que torna a obra mais atraente e mais segura. Trata-se de um trabalho histórico baseado nas melhores fontes da época como em estudos posteriores; mas guarda a forma e o estilo de uma moderna biografia, pelo que sua leitura é muito fascinante. São Luiz de Anjou, príncipe, prisioneiro, frade menor, e depois bispo de Tolosa, sobrinho e neto de santos, em sua curta vida de 24 anos não completos, será ótimo modelo a ser apresentado não só à juventude franciscana, mas à religiosa em geral, pois é um exemplo de heroísmo na santidade e de sabedoria na ciência de Deus e no apostolado.

Pe. Frei Jacinto de Palazzo OFM Cap. A PEROLA OCULTA — NHA CHICA — A SERVA DE DEUS FRANCISCA PAULA DE JESUS ISABEL, 1808-1895, Rio de Janeiro. 1958. 156 pgs. fl.

ALBERTO DE OLIVEIRA — POESIA. Por Geir Campos (Coleção "Nossos Clássicos", N.º 32). Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1958. 96 pgs.

Knut Hamsun (Prêmio Nobel). P A N. Tradução de Augusto de Souza, Nota explicativa de Paulo Dantas. São Paulo, Clube do Livro, 1958. 168 pgs.

Kaijin Akashi. ÁRVORES IPMÁS. Coletânea organizada para o Clube do Livro por José Yamashiro e Nelson Coelho. Nota explicativa de Mário Gracioli. São Paulo, Clube do Livro, 1958. 174 pgs.

Mário Portugal Fernandes Pinheiro. CÔNEGO FERNANDES PINHEIRO (VIDA E OBRA). Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1958. (Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, pgs. 179-236). XXVI 118(6) pgs.

Dom Orlando Chaves, Arceb. Metrop. de Culcá. CARTA PASTORAL. — CENTENÁRIO DO SEMINÁRIO DA CONCEIÇÃO DE CUIABÁ-MATO GROSSO — 1858-1958. 28(8) pgs.

BEATA HELENA GUERRA, APÓSTOLA DO ESPÍRITO SANTO, por uma "Oblata do Espírito Santo". Cássia, Instituto Helena Guerra — Juiz de Fora, Gráfica "Lar Católico", 1959. 272 pgs. fl.

Sagrada Congregação dos Ritos. INSTRUÇÃO SOBRE A MÚSICA SACRA E A SAGRADA LITURGIA. Petrópolis, Edit. Vozes Ltda., 1958. 32 pgs. (

Irmãs Oblatas do Espírito Santo. SÍNTESE CATEQUÉTICA SOBRE O ESPÍRITO SANTO Poços de Caldas, Escola Profissional. D. Bosco — Cássia. 36 pgs.